UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
CURSO DE JORNALISMO

MARINA PARADA SILVA

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO PODCAST: MULHERES MUSICISTAS NO INTERIOR DE SÃO PAULO - RIBEIRÃO PRETO

RIBEIRÃO PRETO
2022

MARINA PARADA SILVA

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO PODCAST: MULHERES MUSICISTAS NO INTERIOR DE SÃO PAULO - RIBEIRÃO PRETO

Projeto de produto midiático entregue à Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profª. Me. Flávia Martelli

RIBEIRÃO PRETO
2022

SILVA, Marina Parada, 1999-
S586p Podcast: mulheres musicistas no interior de São Paulo, Ribeirão Preto / Marina Parada Silva. – Ribeirão Preto, 2023.
75 f. : il.

Orientador: Prof.ª Me.ª Flavia Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Mulheres musicistas – Ribeirão Preto. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao amor e a vida, que me possibilita a cada dia chegar mais longe e bater asas rumo aos meus maiores sonhos.

Em segundo lugar, agradeço à minha família, que me apoia e me enxerga.

Gostaria de agradecer também a todos os professores que me guiaram nesta caminhada, mas principalmente à minha orientadora, Flávia Martelli, que me fez enxergar além nos momentos mais difíceis.

RESUMO

SILVA, Marina P; MARTELLI, Flávia C. Mulheres musicistas no interior de São Paulo: Ribeirão Preto. Universidade de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2022.

A presença da mulher na música, seja como intérprete ou como compositora, enfrenta, já há muito tempo, grandes dificuldades. Entende-se que isso acontece por se tratar de uma historiografia prioritariamente escrita por homens ou por conta das circunstâncias sociais, a participação pública da mulher como musicista se fez muito restrita e gradativamente se ampliou ao longo do tempo. O objetivo do podcast é contribuir com a valorização de musicistas e fomentar, valorizar e enaltecer o cenário da música protagonizado por mulheres no interior de São Paulo e no Brasil, através da compreensão da literatura em livros, artigos, revistas, internet e entrevistas em profundidade semi estruturadas. Mesmo com o trabalho em andamento, já é possível, a partir das entrevistas realizadas, confirmar o que está sendo pesquisado com os dados expostos.

Palavras-chave: mulheres; música; dificuldades.

ABSTRACT

The presence of women in music, whether as performers or composers, has faced great difficulties for a long time. It is understood that this happens because it is a historiography primarily written by men or because of social circumstances, the public participation of women as musicians became very restricted and gradually expanded over time. The purpose of the podcast is to contribute to the appreciation of musicians and to promote, value and praise the music scene played by women in the countryside of São Paulo and in Brazil, through the understanding of literature in books, articles, magazines, internet and in-depth interviews. Even with the work in progress, it is already possible, from the interviews carried out, to confirm what is being researched with the exposed data.

Keywords: Women; music; difficulties.

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO……..7

1.1 Podcast……..…….……..…...8

1.2 Mulheres Musicistas……..……....…….9

2. DETALHAMENTO TÉCNICO……..13

2.1 Público Alvo..…….……..…16

2.2 Pautas……...……..……....…...16

2.3 Sinopse Final……..……....…...21

2.4 Roteiros dos Programas...……..……....…...22

3. RELATO DE PRODUÇÃO…….……32

CONSIDERAÇÕES FINAIS….…….35

REFERÊNCIAS……38

APÊNDICES…….39

1.APRESENTAÇÃO

A presença da mulher na música, seja como intérprete ou como compositora, enfrenta, já há muito tempo, grandes dificuldades. Inicialmente é possível refletir sobre o assunto acerca de termos históricos, como registros valorizados pela literatura especializada. Segundo Freire e Portela (2013), entende-se que isso acontece por se tratar de uma historiografia prioritariamente escrita por homens ou por conta das circunstâncias sociais, a participação pública da mulher como musicista se fez muito restrita e gradativamente se ampliou ao longo do tempo.

Elas são alvos de apagamentos histórico-cultural e estético-político dentro de uma estrutura patriarcal e predominantemente masculina e masculinizada. (PERROT, 2009, apud PADRE, 2020, p. 3). Diante dessa realidade, a realização desta pesquisa, que resultou em um produto midiático, podcast, da área da ciência do Jornalismo, buscou ser um veículo de difusão do trabalho de mulheres musicistas no interior paulista.

Entende-se que é importante difundir o nome, sobrenome e o conteúdo musical produzido por mulheres, e assim, valorizar o trabalho de cada uma delas, encontrando assim um espaço de difusão. O objetivo principal foi ajudar a transformar os dados que são tão escassos em registros de áudio, mostrando o cenário no interior de São Paulo, em Ribeirão Preto, mas buscando fazer referência a todo país.

A metodologia utilizada inicialmente foi o levantamento bibliográfico para o embasamento teórico em livros, artigos, revistas e internet. Na fase de pesquisa de campo, foi utilizada a entrevista em profundidade semi estruturada para a produção do podcast, realizada com mulheres musicistas e atuantes no cenário musical da cidade de Ribeirão Preto.

Os resultados obtidos foram entrevistas com seis mulheres abordando a carreira musical de cada uma, suas conquistas e desafios, e também a interpretação de músicas de composições próprias e de outros compositores. Por se tratar de um podcast, todo o material foi veiculado na plataforma Spotify com o nome “MADAMA”.

Após a realização das entrevistas, foi possível verificar que os dados obtidos por meio delas comprovaram o que as pesquisas, apesar de escassas, já traziam, de que ainda há pouco

espaço no mercado da música para as mulheres. Desta forma, acredita-se que este trabalho vem evidenciar a questão e promover o debate sobre o tema, buscando ampliar o espaço não apenas das quatro mulheres entrevistadas como de muitas outras.

1.1 PODCAST

Lentamente, o formato de mídia Podcast foi ganhando espaço. No Brasil sua ascensão veio de forma tardia, mas o crescimento exponencial foi um divisor de águas para definir mais uma maneira de consumir notícias e conteúdos de diferentes áreas no país. Souza, Fort e Bolfe (2019 p. 79) citam que:

> Apesar de seu surgimento pouco difundido no início da década de 2000, o formato podcast foi se expandindo lentamente e popularizando-se no cenário nacional. Com a criação e, também, encerramento de muitos projetos ao longo dos anos, 2019 parece ter sido, de fato, "o ano do podcast no Brasil".

E o formato continua em crescimento, conquistando mais e mais ouvintes, temas e possibilidades. Uma delas é a oportunidade de convidar pessoas para um bate-papo, seja uma celebridade, artista ou profissional de qualquer área.

> Outros acontecimentos corroboraram com a veiculação dos podcasts entre os brasileiros, como a participação de artistas/celebridades/influenciadores de diferentes segmentos em várias atrações, seja como convidado ou produtor; novos canais de distribuição, que vão além das plataformas de streamings musicais[...]. (GAROFALDO, 2019 apud SOUZA, FORT e BOLFE, 2019 p. 80)

O podcast é um formato recente, ainda dos anos 2000. O modelo veio a partir de blogs, muito populares no começo do século XXI, na primeira caminhada popular da internet pelo mundo. A possibilidade de ouvir de qualquer lugar e em qualquer momento, foi extremamente atrativa para as pessoas que consumiam conteúdo online e logo o formato de blog em áudio foi fomentado até ganhar grandes destaques em jornais e meios de comunicação. Segundo Foschini e Taddei (2007), a palavra podcast foi considerada a "palavra

de 2005” pelo dicionário New Oxford American, já que havia sido entendido como um audioblog, blogar em áudio ao invés de texto. Outro termo cunhado ao formato midiático foi o de personal on demand broadcast, algo como transmissão pessoal sob demanda.

> O podcast surgiu em meio a uma profusão de aparelhos reprodutores de áudio, em um período em que os programas de áudio precisavam ser “baixados” a cada nova edição através do computador para que só então, o ouvinte pudesse ouvi-lo. Através de uma tecnologia empregada largamente em blogs, o RSS (Really Simple Syndication), do uso de programas “agregadores” e da criação de um “enclosure” que possibilitasse entre os dois primeiros, os downloads dos programas de áudio passaram a ocorrer automaticamente, descartando a necessidade de visita ao site de hospedagem para saber se havia algum novo programa a ser baixado. A primeira vez que essa tecnologia foi utilizada foi em 2003, em uma série de entrevistas disponibilizadas na internet pelo jornalista Christopher Lydon. (FEITOSA e MIRANDA, 2019 p. 33)

A linguagem do podcast traz semelhanças com a linguagem do rádio. A diferença é que há a possibilidade de diversos formatos e construções de narrativas, como entrevistas pingue-pongue, grandes reportagens, áudiodocumentários ou programas de entretenimento.

> O *podcast* tem marcas do formato radiofônico, como as entrevistas pingue-pongue – perguntas e respostas -, os debates em formato de mesa-redonda, as reportagens, os documentários em áudios e os boletins. Contudo, não possui uma estrutura fixa, como os outros formatos, consideradas tradicionais. Cada episódio pode ser contado de diferentes maneiras. Vale ressaltar que outro benefício de produzir conteúdos em *podcast* é o aprofundamento da temática (BONTEMPO, 2021).

A maneira de comunicar através deste formato, torna- se cada vez mais acessível e moderno, já que hoje em dia é possível ouvir de qualquer lugar sem precisar baixar o arquivo e ouvir em um equipamento específico. Podcast pode ser ouvido no carro, em casa, no celular, no computador, em qualquer mídia.

1.2 MULHERES MUSICISTAS

A presença da mulher na música, seja como intérprete ou como compositora, enfrenta, já há muito tempo, grandes dificuldades. Inicialmente é possível refletir sobre o assunto acerca de termos históricos, como registros valorizados pela literatura especializada. Segundo

Freire e Portela (2013), entende-se que isso acontece por se tratar de uma historiografia prioritariamente escrita por homens ou por conta das circunstâncias sociais, a participação pública da mulher como musicista se fez muito restrita e gradativamente se ampliou ao longo do tempo.

Fato é que, até os dias atuais, o gênero é uma discussão viva e presente no meio musical. A atuação das mulheres vem sendo conquistada aos trancos e barrancos, mas tem ganhado projeção internacional em diversas ocasiões.

> [...] O crescimento da participação de mulheres compositoras, campo de atuação em que o predomínio da atuação masculina pode ser observado ao longo do tempo, é mais perceptível a partir de meados do século XX, expandindo-se até a atualidade. A atuação de mulheres musicistas se deu, no período de tempo aqui abordado (século XIX à atualidade), através de conflitos e contradições, com paralelo na luta feminista em prol da conquista de direitos como cidadãs. (Freire e Portela, 2013, p. 4).

Nos meios urbanos, o produto que tem enorme força são as músicas populares, que têm grande circulação em rádios e trazem temas específicos para fazer sucesso quando cantadas por mulheres. Os gêneros musicais mais vislumbrados são o funk carioca, forró eletrônico, axé e sertanejo e carecem de critérios específicos para exaltar o gênero feminino que os canta, que, com uma breve reflexão, entende-se que se destina também a homens, que fomentam, de diversas maneiras, o mercado da música popular.

> Nos últimos anos, o funk carioca tem sido um estilo musical bastante utilizado para a análise de representações e relações de gênero na música popular, devido em grande parte à vertente chamada “funk putaria”. [...] construída a partir das relações entre estética, criação e conectividade, tendo como contexto a rede de relações do cantor Mr. Catra. A autora incluiu na análise a produção das estéticas corporais e as identidades de gênero de mulheres e homens no funk. (Senra, 2014, p. 26)

No interior de São Paulo, especificamente em Ribeirão Preto, há mulheres musicistas que fogem completamente deste padrão que é denominado “de sucesso”. Optam por gêneros musicais como o samba, o chorinho, a MPB, o soul e até releituras da música caipira, através de pesquisas acadêmicas. Há cantoras, intérpretes e compositoras, instrumentistas e musicistas que batalham o dia a dia na música para se sustentar e viver o amor pela profissão, que não é fácil.

Não há um mapeamento de quantas mulheres musicistas existem na cidade de Ribeirão Preto, criando assim um abismo e poucas oportunidades (ou oportunidades para

poucas). Mesmo com a rede de apoio entre elas, ainda se tem uma grande diferença na realidade dos lugares na cidade, que tem uma movimentação cultural considerável e carece de mais vozes e faces femininas.

Entende-se que, por um fator histórico, a mulher vem sendo desvalorizada no mercado musical. Do século XIX, onde essa realidade era ainda pior até os dias de hoje, muita coisa mudou. Pode-se facilmente ir a shows de bandas exclusivamente femininas, mas, ainda assim, são poucas quando comparadas a bandas exclusivamente masculinas.

Segundo o Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), houve um crescimento da quantidade de mulheres filiadas e da participação delas na distribuição de direitos autorais em 2021, mas a maciça presença masculina, tanto na quantidade de beneficiados, no recebimento de valores e na autoria de músicas, ainda é um desafio a ser trabalhado.

Essa presença majoritária também implica nas situações preconceituosas que as mulheres vivem no mercado musical, já que muitos homens ocupam cargos elevados no music business e exercem seu poder em relação às artistas. Este argumento se comprova no relatório "Por Elas Que Fazem a Música", de 2021 da UBC (União Brasileira de Compositores) onde foi relatado por parte de 80% das mulheres entrevistadas, situações preconceituosas como a subestimação da capacidade e a objetificação do corpo.

O projeto *Amplify Her***,** um estudo feito no Brasil com, inicialmente, 12 mulheres musicistas, em sua maioria com atuação na cidade de São Paulo, ligadas ao jazz, à música experimental, à música erudita e à música popular brasileira, buscou investigar os desafios enfrentados por essas mulheres no mercado musical.

Os três pilares do estudo buscaram ouvir, através de entrevistas, a experiência dessas mulheres em suas áreas de atuação dentro de música, depois formar as mulheres, ensinando-as estratégias de marketing, a importância das redes de apoio e os passos mais recentes dados na Europa pelo feminismo na indústria musical. Foram comprovadas situações de machismo, racismo, medo de tocar em alguns lugares em determinados horários e também questões de diversidade etária e étnica.

A vivência baseada em restrições de mulheres musicistas é um cenário real e que ainda vê em seu horizonte um longo caminho a ser percorrido. É claro que, para chegar onde hoje se chegou, foi necessário que outras mulheres percorressem o caminho e abrissem as portas. Nomes como Chiquinha Gonzaga, compositora brasileira do Século XIX, Tia Ciata, considerada a mãe do samba, são exemplos de mulheres que de alguma maneira se

envolveram na música e foram boicotadas de diversas formas, atrapalhando sua atuação musical.

> A coragem com que enfrentou a opressora sociedade patriarcal e criou uma profissão inédita para a mulher, causou escândalo em seu tempo. Atuando no rico ambiente musical do Rio de Janeiro do Segundo Reinado, no qual imperavam polcas, tangos e valsas, Chiquinha Gonzaga não hesitou em incorporar ao seu piano toda a diversidade que encontrou, sem preconceitos. (Diniz, 2011)

Nesse cenário histórico percebe-se e sintetiza através dos autores citados e analisados que o universo feminino na música parte de grandes dificuldades, tropeços e resistência em um panorama geral. Descortinando todo esse processo, percebemos que às mulheres musicistas estão inseridas em diversos grupos sociais e que independente de qualquer trajetória individual ou em grupo, quando trata-se de uma banda, esse contexto ainda se repete e demonstra as inúmeras dificuldades vivenciadas e comparadas com outros fatos, independente da música. Os talentos são natos quando tratamos neste capítulo a questão da musicalidade e é notório a importância de ressaltar uma luta individual ou em grupo, como citado anteriormente.

O projeto Madama surgiu nesse pensamento, que veio por meio de percepções nesse cenário desigual. Diante de tantos talentos de mulheres na música na cidade de Ribeirão Preto, foi preciso detectar as potencialidades e fragilidades perante à uma realidade inconstante indo de encontro com a história e consequências tratadas nessa discussão fundamentada através dos autores discutidos e analisados. Mas ainda, na urgência dessas questões divergentes diante do cenário musical. Foi preciso traçar, detectar essas mulheres, para então refletir e reforçar a identidade feminina nesse contexto.

Madama pode ser considerado um signo, representando um dos sinônimos de Madame, palavra usada até hoje de forma pejorativa ao se referir a uma mulher. O projeto busca justamente inverter este significado e demonstrar que Madame ou Madama envelopa uma identidade feminina com valor, força e musicalidade.

Por meio do uso das redes sociais, como o Instagram e o YouTube e das pesquisas constantes sobre o tema, a fim de apresentar um embasamento teórico e prático a quem acompanhava as redes, foi possível construir uma estrutura, mesmo que de forma inicial, de apoio e divulgação de mulheres que abriram caminhos na música.

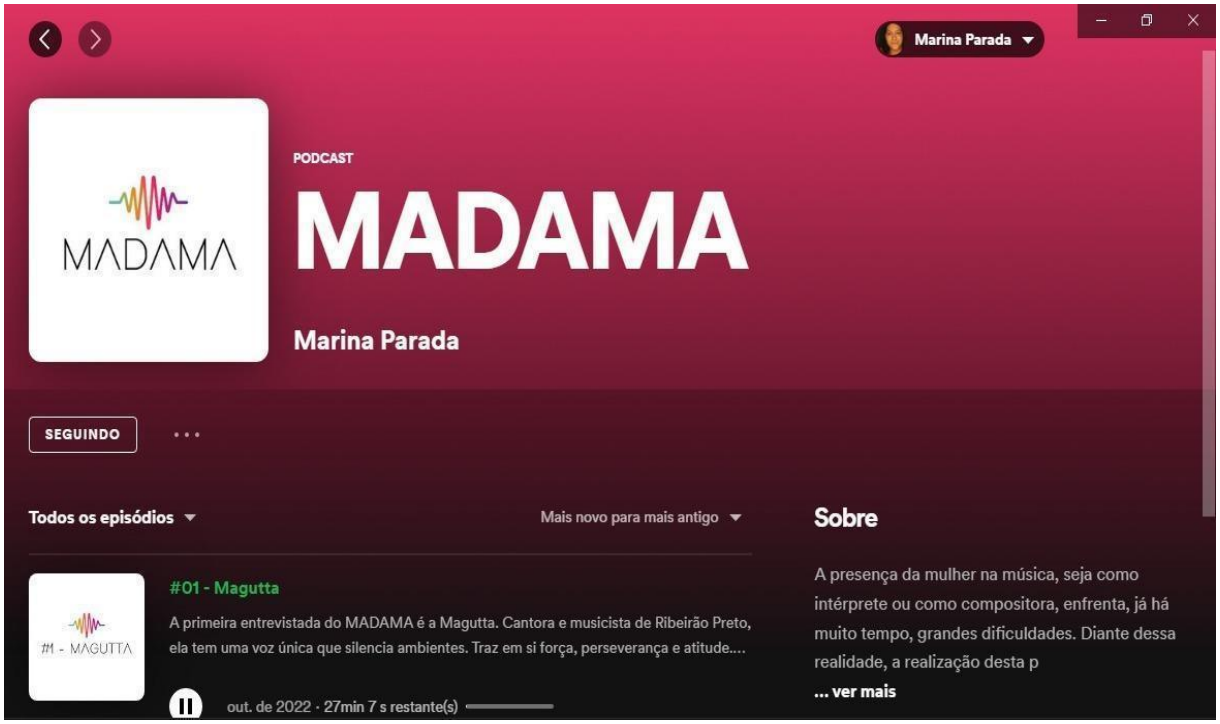
2. DETALHAMENTO TÉCNICO

O podcast busca difundir, de uma forma leve, o dia a dia de mulheres musicistas de Ribeirão Preto e região. O nome escolhido vem de um jogo de palavras com “Madame”, termo pejorativo usado para se referir às mulheres.

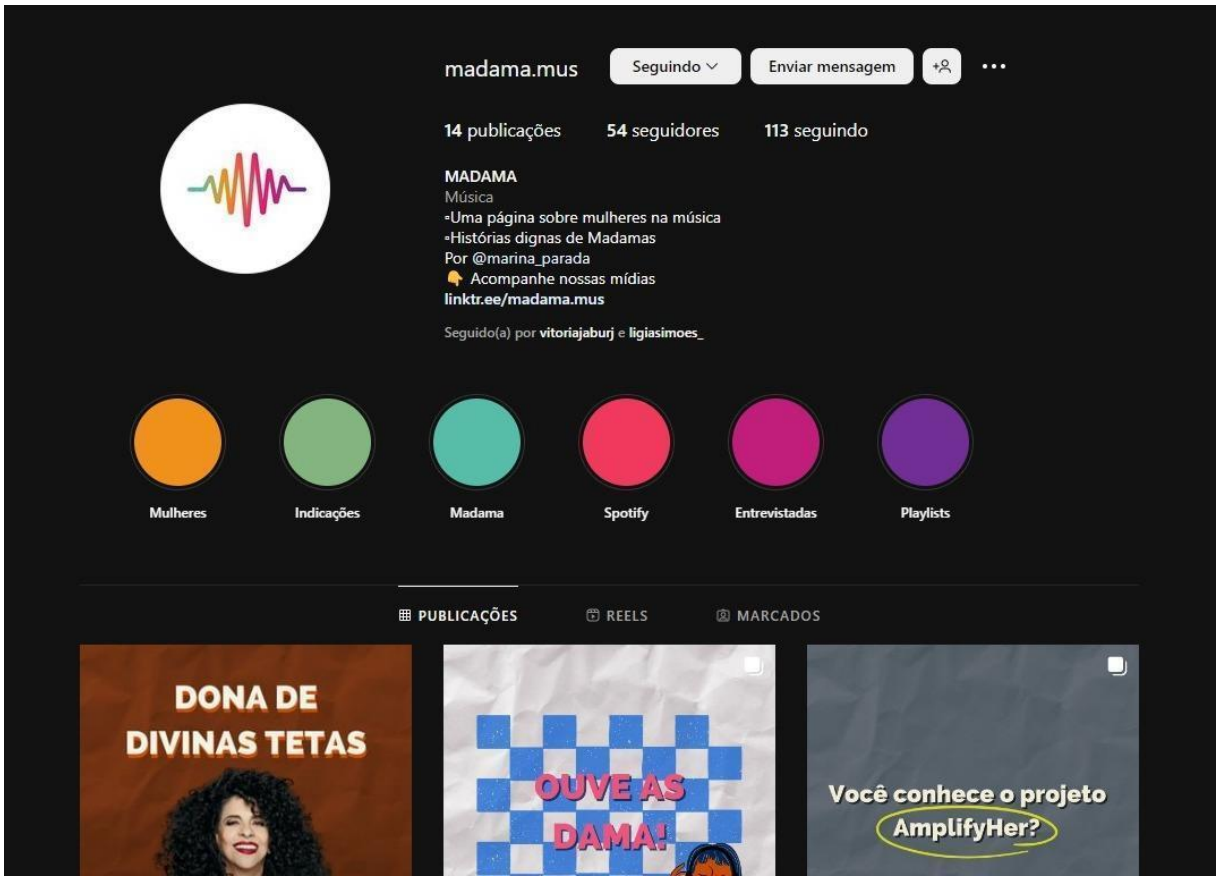
A plataforma escolhida para compartilhar a mídia foi o Spotify, streaming amplamente usado por pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais, sendo, também, um ponto de referência quando o assunto é podcast, tornando mais fácil e acessível o uso da plataforma por usuários.

Para dar apoio ao produto, foi decidido que seria criado um perfil em redes sociais para divulgar o podcast de uma maneira mais ampla. As duas plataformas escolhidas foram o YouTube e o Instagram, que tinha postagens recorrentes de diversas formas, com postagens históricas, indicações de artistas e a divulgação do produto em si.

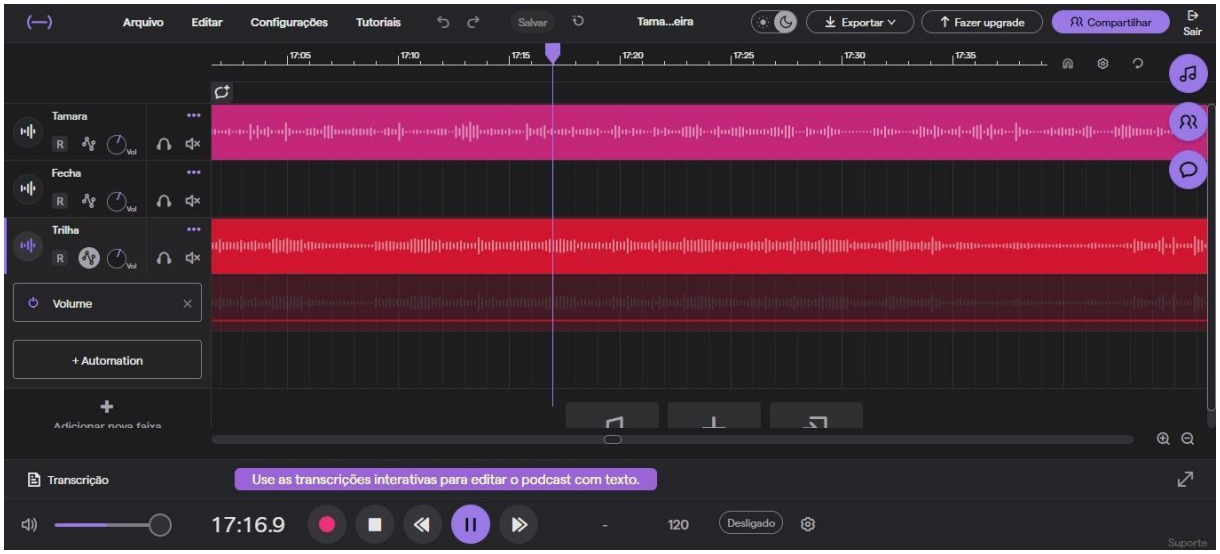
As entrevistas foram realizadas e gravadas online via Zoom Meeting e os episódios foram editados no programa Soundtrap. Foram usados trechos de apresentações das musicistas na introdução para que se tenha um primeiro impacto ao ouvir o podcast. As conversas tiveram poucos cortes para, justamente, soar como um bate-papo entre musicistas que se conhecem e a conversa fluir melhor.



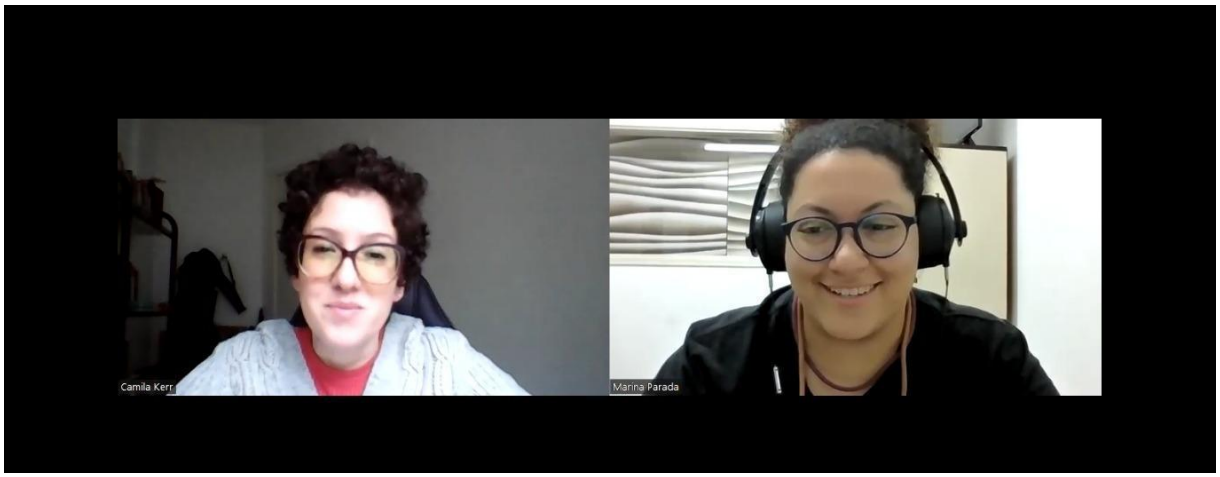
Perfil do podcast “Madama” no Spotify



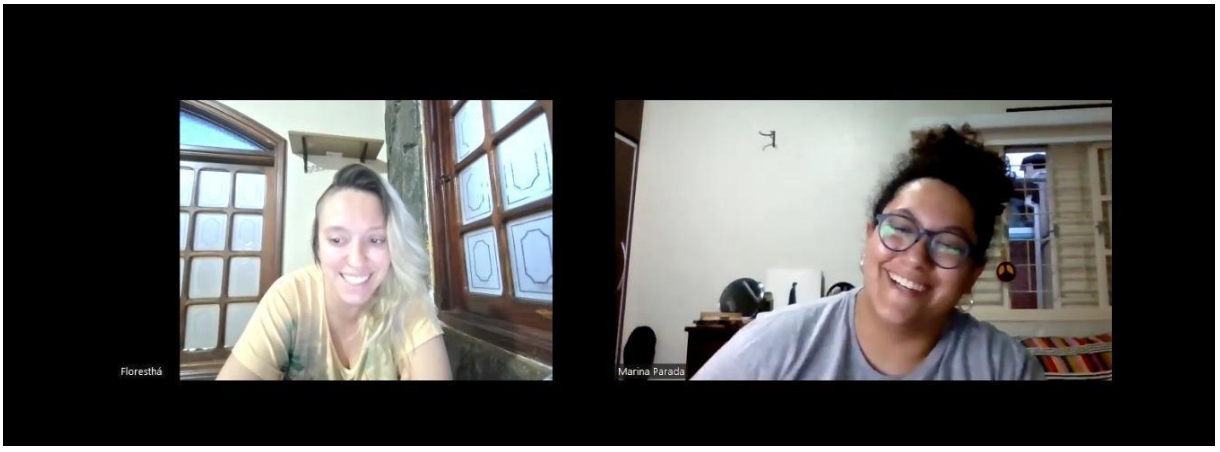
Perfil do “Madama” no Instagram



Edição dos episódios no Soundtrap



Entrevista com Camila Kerr via Zoom



Entrevista com Híbrida via Zoom

Entrevista com Magutta via Zoom

Entrevista com Tamara Pereira via Zoom

2.1. PÚBLICO ALVO

A escolha do produto foi pensando em um público alvo amplo em questão de idade, gênero, classe social, profissão e localização. A linguagem utilizada é simples e acessível, para passar a mensagem de uma forma total a quem ouve.

O público alvo são pessoas que se interessam por música, pela temática feminina, musicistas que querem iniciar no mundo da música ou musicistas já experientes que gostariam de se identificar com uma fala de alguém que passa ou passou pelas mesmas situações que ela.

2.2. PAUTAS

PAUTA MADAMA

Produção/Edição: Marina Parada

Pauta e angulação: Conversar sobre a trajetória na música, abordando temas como dificuldades no mercado de trabalho, inspirações, oportunidades na música e outros aspectos relevantes. Uma conversa suave, à vontade, como um bate-papo.

Fontes: Magutta

Magutta é o apelido de Michele. Ela é musicista, cantora, compositora e está na estrada desde muito cedo.

Filha de mãe e pai músicos, Magutta começou muito nova a cantar e tocar pelos bares de Ribeirão Preto. Inclusive, com 7 anos, foi denunciada por ser menor de idade e estar trabalhando com os pais.
A musicista nunca desistiu de sua paixão e até hoje ganha a vida na profissão enfrentando questões pessoais e profissionais que permeiam e influenciam em seu trabalho.

Formato: Podcast

Perguntas:

1- Qual foi o seu primeiro acorde?

2- Quais foram suas maiores oportunidades na música?
3- O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?
4- Você já pensou em desistir?
5- Quais mulheres te inspiram na música?
6- Qual a sua música preferida e porquê?
7- Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?

PAUTA MADAMA

Produção/Edição: Marina Parada

Pauta e angulação: Conversar sobre a trajetória na música, abordando temas como dificuldades no mercado de trabalho, inspirações, oportunidades na música e outros aspectos relevantes. Uma conversa suave, à vontade, como um bate-papo.

Fontes: Camila Kerr

Camila sempre quis ser atriz, mas caiu por acaso no mundo da música e nunca mais saiu. Com mais de 20 anos de carreira, a cantora já rodou o mundo com sua música e viveu experiências incríveis na profissão.

Formato: Podcast

Perguntas:

1- Qual foi o seu primeiro acorde?

2- Quais foram suas maiores oportunidades na música?
3- O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?
4- Você já pensou em desistir?
5- Quais mulheres te inspiram na música?
6- Qual a sua música preferida e porquê?
7- Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?

PAUTA MADAMA

Produção/Edição: Marina Parada

Pauta e angulação: Conversar sobre a trajetória na música, abordando temas como dificuldades no mercado de trabalho, inspirações, oportunidades na música e outros aspectos relevantes. Uma conversa suave, à vontade, como um bate-papo.

Fontes: Híbrida

Híbrida já foi Thais Foresto, seu nome verdadeiro, e já foi Floresthá. Em busca de sua identidade, a artista faz experimentações e lançamentos fora do padrão. Faz música eletrônica com poesias e composições autorais e lançou um novo estilo de fazer música.

Formato: Podcast

Perguntas:

1- Qual foi o seu primeiro acorde?

2- Quais foram suas maiores oportunidades na música?
3- O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?
4- Você já pensou em desistir?
5- Quais mulheres te inspiram na música?
6- Qual a sua música preferida e porquê?
7- Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?

PAUTA MADAMA

Produção/Edição: Marina Parada

Pauta e angulação: Conversar sobre a trajetória na música, abordando temas como dificuldades no mercado de trabalho, inspirações, oportunidades na música e outros aspectos relevantes. Uma conversa suave, à vontade, como um bate-papo.

Fontes: Tamara Pereira

Tamara é formada na USP Ribeirão em Música e seu instrumento, inicialmente, foi o piano. A musicista tem uma voz inconfundível e presente no mundo erudito e hoje é uma das solistas da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto.

Formato: Podcast

Perguntas:

1- Qual foi o seu primeiro acorde?

2- Quais foram suas maiores oportunidades na música?
3- O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?
4- Você já pensou em desistir?
5- Quais mulheres te inspiram na música?
6- Qual a sua música preferida e porquê?
7- Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?

Produção/Edição: Marina Parada

Pauta e angulação: Indicar artistas mulheres atuais e antigas para que as pessoas conheçam mais sobre essas histórias e possam contemplar e conhecer diferentes estilos e artistas. **Formato:** Podcast, reportagem

Produção/Edição: Marina Parada
Pauta e angulação: Contar um pouco da história de Chiquinha Gonzaga, primeira musicista do Brasil. Falar sobre a sabotagem da imprensa, a sátira no jornal e dar um panorama sobre sua carreira. Explicar e frisar que foi a musicista que abriu as portas para outras mulheres. **Formato:** Podcast, reportagem

2.3. SINOPSE FINAL

A presença da mulher na música, seja como intérprete ou como compositora, enfrenta, já há muito tempo, grandes dificuldades. Diante dessa realidade, a realização desta pesquisa, que resultou em um produto midiático, podcast, da área da ciência do Jornalismo, buscou ser um veículo de difusão do trabalho de mulheres musicistas no interior paulista.

2.4 ROTEIROS DOS PROGRAMAS

DURAÇÃO: 40 minutos

Apresentação / Produção/Edição: Marina Parada

TÉCNICA	**CONTEÚDO**	**DURAÇÃO**
ABERTURA	Musicista se apresentando	-
Abertura	Olá! Eu sou a Marina Parada e você está prestes a ouvir uma história digna de Madama.	-
-	-	-

Contextualização	Camila, se apresente, por favor, para que as pessoas saibam quem é você.	-
Bate-Papo	Qual foi o seu primeiro acorde?	-
-	--	-
Bate-Papo	Quais foram suas maiores oportunidades na música?	-
		-
Bate-papo	O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?	-

Bate-papo	Você já pensou em desistir?	

Bate- papo	Quais mulheres te inspiram na música?	-
Última pergunta	Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?	

DURAÇÃO: 20 minutos

Apresentação / Produção/Edição: Marina Parada

TÉCNICA	**CONTEÚDO**	**DURAÇÃO**
ABERTURA	Musicista se apresentando	-
Abertura	Olá! Eu sou a Marina Parada e você está prestes a ouvir uma	-

	história digna de Madama.	
-	-	-
Contextualização	Híbrida, se apresente, por favor, para que as pessoas saibam quem é você.	-
Bate-Papo	Qual foi o seu primeiro acorde?	-
-	--	-

Bate-Papo	Quais foram suas maiores oportunidades na música?	-
		-
Bate-papo	O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?	-
Bate-papo	Você já pensou em desistir?	

Bate- papo	Quais mulheres te inspiram na música?	-
Última pergunta	Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?	

DURAÇÃO: 20 minutos

Apresentação / Produção/Edição: Marina Parada

TÉCNICA	**CONTEÚDO**	**DURAÇÃO**
ABERTURA	Musicista se apresentando	-
Abertura	Olá! Eu sou a Marina Parada e você está prestes a ouvir uma história digna de Madama.	-
-	-	-
Contextualização	Magutta, se apresente, por favor, para que as pessoas saibam quem é você.	-

Bate-Papo	Qual foi o seu primeiro acorde?	-
-	--	-
Bate-Papo	Quais foram suas maiores oportunidades na música?	-
		-
Bate-papo	O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?	-
Bate-papo	Você já pensou em desistir?	

Bate- papo	Quais mulheres te inspiram na música?	-
Última pergunta	Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?	

DURAÇÃO: 30 minutos

Apresentação / Produção/Edição: Marina Parada

TÉCNICA	**CONTEÚDO**	**DURAÇÃO**
ABERTURA	Musicista se apresentando	-
Abertura	Olá! Eu sou a Marina Parada e você está prestes a ouvir uma história digna de Madama.	-

-	-	-
Contextualização	Tamara, se apresente, por favor, para que as pessoas saibam quem é você.	-
Bate-Papo	Qual foi o seu primeiro acorde?	-
-	--	-
Bate-Papo	Quais foram suas maiores oportunidades na música?	-
		-

Bate-papo	O fato de ser mulher, dificultou ou dificulta o espaço de divulgação no mercado musical?	-
Bate-papo	Você já pensou em desistir?	

Bate- papo	Quais mulheres te inspiram na música?	-
Última pergunta	Se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, o que diria para você no começo da carreira?	

3. RELATO DE PRODUÇÃO

Inicialmente, tive a ideia de fazer um documentário sobre mulheres transexuais que venceram o preconceito e os desafios da vida. Elaborei o projeto, consegui as fontes, mas, apesar de o tema ser importante e me tocar de alguma forma, não era o que eu desejava naquele momento. Depois de um período de muitas dificuldades e bloqueio criativo, decidi mudar o produto e o tema com a ajuda de minha companheira. Conversei com minha orientadora, Flávia Martelli, que acolheu essa ideia e me impulsionou, como sempre, a fazer algo que eu realmente gostava e que tinha a ver comigo.

Escolhi então o formato podcast e o tema, mulheres musicistas no mercado de trabalho. Por conta da minha ligação com a música, que caminha comigo desde antes de eu nascer e dos dados escassos sobre o tema no meio acadêmico. As dificuldades que as mulheres passam na área, não deveriam existir. São preconceitos ultrapassados, em sua maioria vindo de homens e principalmente contratantes de bares e restaurantes.

Em um fim de semana, passeando pelo Novo Mercadão, eu e minha companheira vimos uma cena triste, em que o proprietário do local mandava (aquilo não foi um pedido) a musicista que estava tocando ali, contratada por ele, abaixar o som porque "as pessoas precisam conversar, ninguém é obrigado a ouvir som alto". É triste presenciar uma cena dessas. Como essa mulher trabalha depois disso?

No processo de entrevistas, ao ouvir amigas relatarem esses acontecimentos, me senti triste, mas ao mesmo tempo entendi que estava no caminho certo. É necessário dar espaço a essas mulheres, é preciso ouvir e saber que isso acontece. Só assim conseguimos mudar a realidade.

Mesmo tendo decidido o tema, passei por um segundo bloqueio criativo e quase desisti, pela segunda vez, de fazer o trabalho. Mas a força veio e finalmente escrevi o projeto, o roteiro, escolhi as fontes, que são 6 mulheres incríveis e cheias de histórias para contar e quando me deparei com o levantamento bibliográfico, delirei.

Que rico descobrir mulheres que escrevem sobre esse processo musical de outras mulheres. Saber que não estamos sozinhas e que há cabeças pensantes questionando processos e se aprofundando no tema, é incrível. Isso me deu muita força para continuar e entender a importância deste presente trabalho.

Continuei elaborando e pensando inclusive em um futuro para o projeto. Desde aí, foram muitas sensações que me fizeram crescer como profissional, como pessoa e principalmente como mulher. A criação de um canal no Spotify, o episódio teaser, as

entrevistas, enfim. A sensação de que esse projeto que veio tão sofrido, estava finalmente sendo concretizado.

O desenvolvimento do trabalho foi profundo e trabalhoso. Volto a escrever este relato meses depois, tendo refletido e vivido tantas experiências na área. Em um momento, inspirada pelo trabalho de conclusão de um amigo de outra área, decidi que iria mergulhar de cabeça no universo musical feminino.

Parece que o universo ouviu minha vontade e começou a girar a favor da experiência. Desde então, tive a oportunidade de me apresentar em bares e estabelecimentos e viver e sentir na pele, de uma forma mais consciente e presente o que é a exposição do corpo e alma.

É claro e óbvio que todos os estudos e pesquisas estão corretos. Mas além da teoria, o sentir é totalmente diferente. Ao sentar na cadeira, com o violão no colo e o microfone na boca, pensei em tudo o que me cercava. Desde o momento em que aceitei o convite.

A escolha da roupa, o penteado, o aquecimento da voz e a coragem de fazer. Praça de alimentação de um shopping, pessoas comendo, caminhando, conversando e olhando cada pedaço meu. No começo foi difícil, mas com o passar do tempo foi ficando fácil e gostoso.

Do meio para o final, senta bem de frente para mim um homem de óculos escuros às 20h. Se posicionou do jeito que sentiu ser melhor e não tirou os olhos de mim por um minuto.

É interessante como o nosso corpo reage a situações de “perigo” ou desconforto. Mais interessante ainda é perceber como ele ficou à vontade e eu amedrontada. Logo pensei que aquela situação se repete todos os dias, todas as noites com mulheres que tocam pelos bares da cidade ou em festas.

Entendi tudo em uma única apresentação. Naquele momento, mesmo com um pequeno acontecimento, eu entendi a importância deste trabalho e também a dificuldade que ele representa.

A realidade das mulheres na música é cruel. Intimidação, baixa remuneração, dúvidas sobre a capacidade, realmente de se desistir. Lanço uma reflexão aqui: imagine passar por isso sempre que você for sair para trabalhar e resistir?

As mulheres na história abriram caminhos, mas o fato é que as mulheres, musicistas ou não, abrem caminhos todos os dias. Precisamos contemplar as mulheres em todas as esferas possíveis.

Escrever este texto e fazer este trabalho é, principalmente, revoltante. Mas quando ouço uma mulher contando sua história e colocando para fora o que nunca imaginou dizer, faz todo o sentido e é isso o que me motiva.

Que mais trabalhos sejam elaborados, que mais mulheres sejam contempladas. Recentemente conheci um prêmio que acontece anualmente no Brasil chamado WME (Women's Music Event), onde mulheres de todas as áreas da música (artistas, produtoras, jornalistas musicais, empresárias) são premiadas. Um evento de mulheres para mulheres.

Logo imaginei o meu nome e o de várias outras mulheres do mundo da música nas indicações da premiação. Por que não?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas produzidas para a realização do Podcast Madama, e também com o apoio da pesquisa em artigos e livros, foi possível comprovar que as poucas estatísticas que existem sobre a participação da mulher no meio musical, são verdadeiras, que ainda há pouco espaço e muitos desafios para serem atravessados pelas musicistas.

Pode-se comprovar, por meio de relatos históricos do passado durante a pesquisa bibliográfica, que já haviam evidências bem claras das barreiras sociais e de mercado para a ascensão das mulheres musicistas, mas concluiu-se também que infelizmente essas barreiras ainda existem, segundo entrevistas realizadas durante esta pesquisa.

As entrevistas em profundidade realizadas com mulheres cantoras e musicistas, que depois foram transformadas em podcasts para o projeto Madama, enriqueceram o trabalho, visto que trouxeram reflexões importantes a respeito do tema proposto. Os relatos pessoais das mulheres que fizeram parte do projeto e das dificuldades que sofreram e ainda sofrem para se inserirem e se manterem no mercado da música, são ricos em histórias de dificuldades na maioria delas, apresentando também situações de assédio moral.

As entrevistadas para o podcast vivem e atuam na cidade de Ribeirão Preto, interior paulista e também na região. Mas as dificuldades que elas apontaram não são características exclusivas da localidade, mas uma questão histórica que se reflete em todo o país.

Também é preciso considerar o próprio relato da autora deste trabalho, que é musicista e vem atuando e participando do meio artístico na cidade de Ribeirão Preto, portanto, uma pesquisadora participante. Por isso, é possível afirmar que há uma forte relação de insegurança quando se trata de contato com homens no meio musical, seja com técnicos de som, produtores culturais ou a relação com o próprio público masculino, que muitas vezes transpassa, mesmo que com olhares, a integridade feminina, conforme relatado.

O trabalho também propõe “treinar” o olhar do espectador para notar e perceber as divergências quanto ao gênero nessas situações. Quando frequentar um bar, por exemplo, observar a agenda semanal, se há mais homens ou mulheres, o que toca no local, como as mulheres são tratadas de forma geral, se a musicista é interrompida ou atrapalhada durante a prestação de serviço, se há um mínimo de respeito para com essa mulher.

Uma questão que é importante considerar é que foi abordado na maior parte do tempo de mulheres cisgênero, heterosexuais. Mas deve-se considerar, também, as mulheres lésbicas ou pessoas que questionam o próprio gênero, mas são vistas pela sociedade como mulheres, como a primeira entrevistada, Magutta, que relata isso na entrevista.

Através dos resultados obtidos até o momento, é possível esperar por mais afirmações e visões diferentes sobre o mesmo tema, de forma que agreguem ao trabalho e comprovam cada vez mais o que foi levantado bibliograficamente. O formato de mídia se mostrou efetivo, já que cria uma identidade sonora e sensorial no espectador.

Por meio das redes sociais para da divulgação deste trabalho, tem sido possível obter um feedback positivo do público que acessa o Podcast Madama, questionando situações de preconceito que acreditavam não existir. Outras musicistas da cidade de Ribeirão Preto e da região têm entrado em contato com a autora do trabalho relatando situações semelhantes aos relatos realizados nos Podcasts, gerando uma identificação com o conteúdo, o que amplia o debate proposto desde o início do Projeto.

Desta forma, acredita-se que este trabalho vem evidenciar o trabalho das mulheres no meio musical, promovendo o debate sobre o tema, buscando assim ampliar o espaço, não apenas das mulheres entrevistadas, como também de muitas outras que buscam ingressar no meio musical.

REFERÊNCIAS

ECAD**. O que o Brasil ouve - Mulheres na música**. Ecad, 2022. Disponível em: <https://www4.ecad.org.br/o-que-o-brasil-ouve-mulheres-na-musica/>. Acesso em: 23 ago. 2022

FREIRE, Vanda; PORTELA, Angela. **Mulheres compositoras - da invisibilidade à projeção internacional.** ANPPOM, 2013.

SENRA, Isabela. **Canções vadias: Mulheres, identidades e música brasileira de grande circulação no rádio**. UFPE, 2014.

FORT, Mônica Cristine; SOUZA, Juliana de; BOLFE, Juliana Simões. **Produção Audiofônica: uma análise de estilos frequentes na podosfera brasileira.** Radiofonias - revista de estudos em mídia sonora, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/issue/view/250/Edi%C3%A7%C3%A3o%20completa > Acesso em: 23 ago. 2022

FOSCHINI, Ana C.; TADDEI, Roberto R.. **Coleção Conquiste a Rede** - Podcast, 2007. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/wp-content/uploads/2007/08/conquiste_a_rede_podcast.pdf> Acesso em: 03 out 2022

PADRE, Larissa C. G. **O silêncio dos arquivos: mulheres compositoras, música, corpos, discursos e apagamentos estético-políticos**. Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2133-1.pdf > Acesso em: 29 set 2022

FEITOSA, Alexandra Cecília Oliveira. **A democratização da informação nas Humanidades digitais: o podcast @Cimplifica** / Alexandra Cecília Oliveira Feitosa. - Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38467/1/TCC%20-%20A%20democratização%20da%20informação%20nas%20HD%20-%20O%20podcast%20CImplifica.pdf >. Acesso em: 04 out. 2022.

DINIZ, Edinha. **Biografia** - Chiquinha Gonzaga, 2011. Disponível em: <https://chiquinhagonzaga.com/wp/biografia/> Acesso em: 31 jan. 2023.

CAPUTO, Gabriela. **Estudo investiga os desafios enfrentados pelas mulheres na música**. Jornal USP, 2021. Disponível em: <http://jornal.usp.br/cultura/estudo-investiga-os-desafios-enfrentados-pelas-mulheres-na-musica/> Acesso em: 31 jan. 2023.

SCHUTT, Vanessa; GUZZO, Pedro Henrique; REZENDE, Jair; MARCATTI, Flavia. **Por Elas Que Fazem A Música.** UBC, 2021. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/anexos/publicacoes/Por-Elas-Que-Fazem-a-Musica-2021.pdf> Acesso em: 31 jan 2023.

APÊNDICES

DECUPAGENS

Entrevistada: Camila Kerr sempre quis ser atriz, mas caiu por acaso no mundo da música e nunca mais saiu. Com mais de 20 anos de carreira, a cantora já rodou o mundo com sua música e viveu experiências incríveis na profissão.

Entrevista 1 - Mulheres na Música

Então, cara, queria te perguntar primeiro, eu queria que você se apresentasse, né? Falar seu nome tal quem você é, o que você faz. Tudo que eu faço pode ser tudo que você faz, é um

bolo de laranja louca. Você, isso, meu nome é Camila Kerr, eu sou cantora. Alguns anos, desde 1999, quanto que dá? 2000 vai uns 22 aninhos aí? e é isso. Eu fiz muito teatro também. Comecei fazendo teatro. Na verdade, antes da música eu não queria cantor nenhum. Mas aí rolou. E é isso, sou taróloga também.

E me fala uma coisa, é, já que a gente já começou a falar, né? Dessa introdução do começo da da sua carreira? Me conta como é que foi o seu início na música? Assim como qual, qual foi o seu primeiro acorde? Bom, eu estava no colégio, estava estudando segundo colegial. E lá? Eu conheci o palinha. Que hoje trabalha com música, guitarrista, guitarrista, músico, trabalha com música até hoje também. E ele era do terceiro colegial, e aí, em algum momento, olha que aleatório, foi muito aleatório, começou. E algum momento eu fazia teatro. Eu queria fazer teatro. Eu queria ser atriz e tal. E aí, por algum motivo, a gente não estava dentro da sala de aula. A gente estava na sala, a gente estava Na Na, no pátio. E ele estava com, estava tendo aula, na verdade, por algum motivo, a gente estava fora e aí a gente, ele estava com o violão e aí estava eu e uma amiga minha. Nara E ele falou, ai vamos cantar. Ela cantava, estava cantando com ele. Ele falou, ai, vamos cantar, falou comigo, né? Vamos cantar, você cai, vamos cantar uma Lane porque a Lane estava estourando na época, né? E ai vamos e aí a gente tocou junto e a gente se conhece. Foi assim que a gente se conheceu. E aí ele me chamou Pra Ele, tinha uma banda, já tinha uma banda de uma banda que enfim, ensaiava, eu acho que mais do que tocava Na Na escola também. E aí? Eu entrei pra banda. E a gente tocou na escola, enfim. Depois a gente montou a nossa própria banda chamava. Dá-me ********** e a gente começou a tocar nos bares de Ribeirão e

começou a dar muito certo, sabe? Eu tinha 17 anos na época. Nós super novinha, super novinha, aí começou a dar muito certo. Aí a gente começou a tocar nos bares da da de perto de Ribeirão também a isso de Ribeirão, né, de Ribeirão. E aí São Joaquim da Barra, Sertãozinho, e a gente começou a tocar em vários lugares e começou assim. E assim é. Foi muito aleatório. Eu comecei, comecei a ganhar dinheiro, né? É, comecei a trabalhar com isso. Com 18 anos, eu estava tocando num porão, um antigo bar de verão, que antes era foi o primeiro porão, que era na Lafayette, era um porão mesmo. Aham, e chega. Bolso do. Que é um baterista incrível também, e o e o Sam que eram do Sambô 6 e agora está com está com um projeto solo dele. E eles me chamaram pra gente, estava tocando lá no dia, não

tinha ninguém no porão. Assim eles me chamaram pra tocar na banda de baile deles que eles tocavam. Eles tavam procurando uma cantora. E assim, cara, o palinha de conhecia eles. Eu não sabia muito bem que eu não conhecia o trabalho deles, né? Como músicos assim falou, você tem que ir, você tem que ir. Eu falei, gente, eu vou encerrar como assim que tá acontecendo? Aí? Eu fui fazer um teste, eles falaram não, não tinha ninguém nesse dia no porão ninguém, ninguém tinha, eles só eles chegaram lá os sonhos tudo figuraças num diante doce. Me ouviram cantar e falaram, não, a gente tá precisando de uma cantora lá na unidade 2 vai lá fazer um teste. Eu fui fazer um teste. Foi a primeira vez que eu vi que era um retorno, né? Tá? Que importante, né? Importante e aí eu entrei assim, muito de gaiata, sabe? Tipo, vamos lá, tá rolando,

eu tô ganhando uma grana, tô trabalhando. E eu nunca pensei em ser cantora profissional, sabe? As coisas foram acontecendo assim. Não era a minha vontade. Eu queria fazer teatro, eu queria e eu querer e eu fazendo teatro junto, estudando e eu tentava estoy dentro do teatro muito tempo. Fiz um ano de faculdade de teatro e num num. Não consegui terminar depois eu fiz, enfim, mas e na música? As coisas fluíam assim? Sim, e aí eu comecei a cantar e foi assim, eu começo da minha carreira, mas antes disso também, o meu pai sempre tocou em barzinho, meu pai. É veterinário, mas sempre eu com em barzinho e ele. Ele me chamava para cantar e tal. É, de vez em quando ele me chama, primeira vez que eu cantei ao vivo assim foi, foi ajudando uma canja com meu pai tremendo que nem Vara verde. Com uns 14 anos, sei lá. Aham e. Mas é isso. Assim, a música sempre teve muito presente, mas nunca foi minha vontade profissionalmente. Foi assim que aconteceu, meio que na loucura.

Tocar aí me fala uma coisa, é dentro de tudo isso, que que você fez, né? Dessa aleatoriedade que deu muito certo. Quais você acha que foram as suas maiores oportunidades na música? Sem desde desse começo até hoje? cara bom, acho que para começar o é. É, eu acho que tudo é todos os momentos de de transe. Foram oportunidades assim, né? É tipo desde o começo, né? Meu, tá ali no pátio, em vez de assistir está assistindo aula aí? Que horror, né? E hoje estou eu aqui estudando para entrar. As pessoas estavam de bullard, tudo trocado, mas. Ter conhecido o palhinha, né? Foi muito, foi muito. Marcante, importante para minha vida como cantora, né? Porque realmente eu não sabia e ele sempre foi um cara. A gente estava conversando outro dia a gente estava trocando, sabe assim, tipo nossa. Foi muito

importante naquela época pra gente, né? Sim e cara. Se eu não, se eu não sei se eu não tivesse conhecido o palhinha, eu não sei, sabe porque eu não buscaria isso? Eu acho que eu não vou, eu acho, não tenho certeza. Eu não buscaria ser cantora, não era uma coisa que estava nos meus planos. Eu tinham planos muito, sabe? Eu eu sabia muito bem o que eu queria, sim, e conhecer o palinha foi uma delas. Assim foi um foi quer dizer, o conheceu palinha foi uma dessas oportunidades, né? Que sim, rolarão também falando, né? Vou repetir, já os o do e o Sam que foi uma oportunidade muito. Porque banda de baile,

que para mim foi uma escola. Foram 6 meses só de banda. Eu estava começando a cantar tipo, sabe, eu cheguei muito cru assim no negócio, levei várias broncas, então sabe de troca de roupa, de ser um negócio muito louco. Mas depois foi. Foi um aprendizado, porque eu eu estive ali com músicos muito experientes, né? Sim, caras de quem eu sou fã, né? Eu sou fã de todo mundo, na verdade, eu sou fã de todo o mundo que eu já trabalhei no palinha, inclusive, sabe? Aham, é. E foi um aprendizado. Foi muito legal para mim essa essa. Essa. É esse encontro, né? E também, cara, teve uma e aí teve um momento muito legal na minha história assim, né? Eu estava. Eu tinha parado de cantar porque durante esse tempo, durante toda essa essa jornada, aí eu parei de cantar algumas vezes porque eu já entrava em crise várias vezes. Eu não quero fazer isso, eu estou fazendo, eu não quero ser cantora, eu não senti isso porque ele passou também e, mas eu parava e falava, puta, eu acho que eu quero cantar, eu gosto, sabe aí. É, e aí teve uma vez que eu estava parada de cantar, estava trabalhando num num estúdio em Ribeirão, que, aliás, foi uma época muito de muito aprendizado, aprendizagem pra mim também. Na toca produtora, trabalhei, inclusive o dono da toca, o Eduardo loja. Ele era do do unidade 2. Eu conheci ele lá e tal. Trabalhei um ano lá em paralelo, aí eu trabalhava o dia inteiro lá e depois eu ia para o Senac fazer o quê? Curso de interpretação, porque é isso que eu queria. Eu fiz curso de teatro a vida inteira e aí inclusive para eles e perdi vários grupos. Viajei com teatro também, enfim, e

aí? É, eu estava lá meio que sem cantar, e aí o Fred são ao que me chamou legal, me ligou lá no estúdio. Inclusive ele me ligou. Falou, ô, Camila, eu quero. Eu vou lançar meu CD, meu de meu, meu CD num lugar tal minha memória muito ruim no lugar, pois era fut espaço num sei que não lembro. Eu não lembro se era o segundo disco dele, é o segundo CD, né? O primeiro não era com certeza, porque eu ia assistir com palhinha. Com 17 anos, o Fred são,

ó nossa, no Paulista. De repente eu estava te ligando, né? É, não, a gente assistia ele tal de quem a gente tinha 17 anos. Ele não tinha ficar lá babando nele. Toda quinta-feira no Paulistana, sabe sim e mas eu já conhecia ele nesse, né? AA essa altura, quando eu estava trabalhando No No estúdio, eu já conhecia o Fred, né? A gente já tinha trocado umas Ideas. Eu já tinha dado umas canjas com ele e tal. Porque nesse momento eu já sabia mais ou menos o que eu queria, cantar o que eu gostava de cantar, que era blues e soul. Enfim, né? Essa pegada e. Mas eu estava, não estava cantando, eu não tinha, não estava mais nenhuma banda e tal. E aí o Fred me ligou aí chegou aqui, ele me ligou e falou, olha, eu vou gravar o disco, eu vou não fazer um lançamento do disco. Eu queria que você fizesse um show de abertura. Falei ******* né puta, né, do Fred? Como assim, meu Deus? Do prédio está me chamando lá? Aí eu falei, ele falou, só que assim eu quero você, olha que legal isso que ele fez, ele falou assim. Eu queria que fosse seu nome.

Eu queria que fosse você, não queria que fosse uma banda, entendeu? Que você tivesse o nome é da banda, né? Eu queria que fosse seu nome e aí você chama banda, você monta a banda. E aí, cara? Eu falei, putz, que doideira, né? Caramba, beleza, vamos lá, né? Eu morrendo de medo. Falei, cara, vamos lá. Faz um repertório e foi a primeira vez que eu cantei. Aí na época, era Camila zambianchi, né? Eu ainda não tinha. Trocado um meu sobrenome, eu não troquei meu sobrenome No No na identidade, nada disso eu troquei na no artisticamente sim essa, essa, esse, essa. Mãe, fala, enfim, é um eu troquei o nome artisticamente, só e. E aí foi aí eu era Camila zambianchi. Eu abri o, fiz a abertura do show dele, do disco, para mim foi tipo, cara. Muita coisa assim sabe? Porque Oo frete até hoje, né? Um cara que eu, eu, eu que eu falo, eu sou muito fã das pessoas com quem eu trabalhei. Enfim, sim. E aí eu montei um repertório de Souto tal. Aí eu tinha Aretha Franklin. Aí eu mandei o repertório do jeito que eu queria, sabe? I. E aí eu comecei, aí foi assim. Eu comecei a montar, fiz shows, né? Temáticos e tudo mais. Esse foi uma grande. Foi um grande, uma grande mudança na minha vida não é impulsionada por uma pessoa. Um chacoalham com uma pessoa que eu admirava muito, me deu assim, o rock. Em 1 ano no estúdio, terminei o. O curso antes disso também teve uma banda.

Participei de várias bandas e tal é. E aí, eu. Bom, há teve um outro momento interessante, mesmo à memória, você está fazendo, mas horas de pode.

É na época, é na época, eu não. Eu não sei data, mas foi antes disso. Bem antes disso, eu devia ter uns. 1920 é, eu tinha uma banda que chamava dias preise, que era uma banda formada por um mulheres, mas o Paulinho. As meninas e o Paulinho. É. É, então era uma banda formada, era, era a Karina.

Ese. E a frame Kelly, que é jornalista e tudo No No piano, e o Paulinho Na Na guitarra e a gente fazia as músicas, chamava jazz, prazer. A gente fazia músicas. É gospel, soul e tal que tivessem uma pegada gospel mesmo, né? Que legal e a partir disso a gente teve uma ideia. Eu queria fazer um. Festival só de mulheres, sabe? Eu tive essa ideia assim. I. E aí? Eu e a Tati foi uma Tati super articulada tal, falou, vamos fazer, vamos atrás de patrocinador e tipo, conseguir um patrocinador. Ela Foi atrás, conseguiu, conseguimos fazer juntar várias cantoras da época, sabe? Então tinha a banda amor fisi teve legal é que era uma banda de de heavy metal, né? De mulheres, tinha Cris, tinha Mano. É a Carol. Sam também cantou, é a banda. A banda de base. Chamaram várias cantoras e a banda base era a banda humor físico. Assim é. É, e com a Fran No No piano, se não me engano, memória e aí teve? Aí eu cantei, escolhi 3 músicas. A Carol, Sam cantor, Mariana mestriner também cantou é? E tudo isso foi uma homenagem a Sônia pasquali que a gente fez uma homenagem a ela, que é muitos anos que não tinha, não estava cantando há muito tempo. E foi quando eu conheci a Sônia inclusive, né, maravilhosa e Maravilha ou ****. E isso foi muito legal, depois teve uma outra edição do festival. Teve mais gente, eu não lembro. Agora quando com quem mais estava na segunda edição? Porque, enfim,

qual que era o nome depois, aí oi Elas por Elas, Elas por Elas que legal, é e aliás, a gente é um nome super batido, né? Elas por Elas é não virou um nome mega batido. Eu fui em 2 cara 2000 e. Puta, eu não vou chutar 11, cara, porque eu vou errar com certeza. É isso faz muito tempo.

É, e aí, Oo Fred me chamou e eu comecei AAA cantar com o meu nome assim, né? Sim. EE

foi, comecei a achar a minha identidade, né? De como cantora, cada vez mais descobrindo. Achar a própria identidade como cantora, como Império petit, é um caminho que se faz, né? Eu nunca. Eu comecei cantando Alanis porque eu gostava. Eu sempre gostei. O meu preço é muito rock n roll, mas ao mesmo tempo também é muito. Sou. Né? Quando eu descobri, sabe, quando eu ouvi tia alcir, sabe? Eu ficava ouvindo essas coisas dentro de casa maraya, sabe? Eu não fui uma adolescente que saía e beijava na boca. Eu estava no quarto escutando uma raia, sabe? Estava imitando e ficava. Ouvindo chelcie no Led Zeppelin, enfim, todas essas coisas bem aí quando era bem novinha, né? Sim, e aí? Ao longo do tempo, você aí, quando eu fui cantando, eu fui descobrindo que meu eu gostava mesmo de cantar soul e blues e jazz. E aí eu também me aproximei. Esse foi um.

É nisso. Nesse ínterim, o Paulinho, meu irmão, que já estava tocando, né? Ele começou a tocar. O Paulinho eu tenho que falar do Paulinho, porque a nossa história se encontra muito em querer, meu irmão, enfim. O Paulinho, ele. Não ligava muito para música até que ele foi morar na Bahia. Meu pai ficou 6 meses lá, voltou tocando cavaquinho aí e depois disso e ele teve aula com palhinha de guitarra e ele começou. E hoje, cara, eu sou muito suspeito, mas ele é muito ****. Ele é muito bom guitarrista, ele é muito bom e aí ele é muito bom. Eu sou muito suspeita, mas assim, caramba, **** e aí a gente começou a tocar ele tocando jazz pra e tudo mais e a gente não itinerante também. A gente tocou junto. Que seguiu assim, cara, ele é muito mais disciplinado e do que eu, sabe na música e enfim. É, e aí a gente também fez projeto, não sei quando começou, mas faz muito tempo de voz e violão. A gente juntou. É que ruim que é num server data, né? O que é verdad? Foi o que fez muito quanto quando foi faz tempo, faz muito tempo em Oriente, ao menos barba ainda do que ele tem é, e aí é. E foi isso assim, aí a gente, nossa história está muito a minha história, né? De música também está. Muito obrigada. Com isso, tocando no tirante, ele tomou outros caminhos. Eu tomei outros, né? E aí?

Até até hoje não, né? Porque agora eu estou morando em outro estado. Eu mudei de estado, então. Ele não vai ser mais meu parceiro de fazer violão, mas até o começo do ano até julho a gente faz, faz som junto, né? E ele e ele tem o caminho dele, tem outra história e tudo mais. Mas se a gente se mescla, né? E aí eu conheci o Bruno. Não sei quando também o Bruno Barbosa. Na verdade, a gente já se conhecia há muito tempo, né? De se encontrar que

legal, né? Eu lembro dele do Revenge quando ele tocava heavy metal, lá no fê coque, sabe? Com 13 anos de idade, eu sei lá, sabe? Mas a gente nunca tinha se encontrado. Aí a gente. Meio da música em Ribeirão é muito pequeno, né? Então a gente acaba se conhecendo nisso. Eu já estava cantando a um tempo. Ele também já tocava um tempo e a gente começou a se encontrar. I. Em e ele me chamou para. Já tinha pó de café, menino, não lembro sim, de verdade. Tinha um pó de café já, né? Que a banda que está na estrada há um tempo já sim, tinha um jazz na coisa nossa. É saudades, saudades, saudades demais. Que saudade que eu tenho daquele lugar e da de de. Enfim, sim, é. E tinha o jazz na coisa de sexta-feira, né? Eu não tenho certeza se foi aí que a gente começou a tocar junto, mas acredito que aí começou a tomar corpo, né? E ele me chamou. Essa foi, eu estou. Estou falando das oportunidades, né? Foi muito legal assim, porque. A minha identidade estava jamais formada, né? E a partir dos encontros e a minha identidade, começou a se formar mais ainda. E até hoje, também. É até julho, mas vamos, né? Não estou só. Estou longe, não estou sim, é. Ainda existe. A gente teve uma parceria muito longa, né? Deu para cantar com eles e, enfim, foi há muitos anos, né? E. E para mim, tocar, cantar com pó de café sempre foi muito. Muito engrandecedor, sabe muito para para mim

como cantora, porque eles são muito generosos, né? Tipo, então eu consigo. Eu aprendo muito com eles e consigo também me desafiar, sabe? Então. Eu. Eu. Eu amo muito esse Fitz, sabe demais. I. Aí eu fui para São Paulo também cantar, nossa, é verdade, teve nisso. Transformado depois do Fred, aí eu fiz um show solo. Sintam-se que. E nisso eu estava fazendo um curso de interpretação, e eu queria ir embora para São Paulo, né? Sim, embora. E fui. Para São Paulo através de conseguir uma. Através da carlinha do senhor x, que me indicou para uma banda. De Pink Floyd cover nossa, que massa e tocava no. No Vila Dionísio, urro é, hã. Eu sabia que eu estava indo para São Paulo, eu fui lá, elas. Eles estavam precisando de back in. E aí eu estava, tinha acabado de chegar em São Paulo, acabado de chegar assim e aí eu fiz o teste, passei no teste e. E foi muito legal assim, porque. Eu conheci também pessoas incríveis, amigas, pessoas que eu tenho contato até hoje. Conheci a mica e a Fernanda que que eram as minhas parceiras de backing Kimmel? Sem falar mais, as 2 também. Seguir sem assim são cantoras, né? Porque muitos da banda não tinham uma música como principal trabalho, né? Um, mas elas, elas sim. Hoje em dia, sim. I.

Em São Paulo, também conheci. A fui no primeiro show, daí aquela coisa, né, de perrengue? Tipo eu não tinha nada, eu tinha uns 15 BRL. Era o dinheiro que eu tinha para sair tipo e sair o Bruno Barbosa, inclusive falou, olha O brechó vai estar lá no. Vai tocar, ele tem uma banda, seria legal você conhecer ele tal que ele tem muitos contatos e beleza. Ele vai tocar. Aí eu falei com o brechó, ele falou meu, então vamos tocar sexta-feira no barbet. Eu estava em São Paulo, o vai lá de graça. Eu falei, puta de graça, arrasou, é isso que eu preciso. Aí eu peguei e fui dia 15 BRL, que era o dinheiro da ida e da volta do do do do. Do da condução, né? E aí, lá eu conheci o baixinho, foi o primeiro show do aláfia, se não me engano, se não me engano, nossa. Que foi no bebê? É, e eu conheci o baixista, o Gabiru, o Gabriel. E lá? A gente trocou mensagem e tal. Começamos a gente, né? Ele também tinha uma pegada soul e jazz. Ele tinha um trampo com jazz e tal. E ele estava numa banda que tinha. É. Um trabalho autoral. Em que era de Pink Floyd também. E aí a gente só que era um trabalho diferente, eram 3 caras, né? Com Gabiru e eles queriam uma cantora que interpretasse, chamava caol, banda kaoll um Pink Floyd, diferente assim, umas outras versões. E aí me chamou e eu entrei. E com isso a gente foi pra Europa, a gente foi pra Europa com essa banda e foi a primeira vez que eu saí do Brasil. Foi através dessa, com essa banda

que eles queriam divulgar o trabalho autoral deles, mas eles eles venderam esse trampo do Pink Floyd, o qual eu era cantora, o Rue, fomos lá, nós na Alemanha, para Alemanha, depois da Itália e foi uma foi ****. Assim foi muito legal. Foi muito legal. E Eu Acredito também que a oportunidade de cantar no navio também foi muito, foi recente agora, né? Você ficou 6 meses, né? né? 6 meses é que também foi. Foi a segunda vez que eu saí do Brasil, mas. E foi incrível, é uma. É uma oportunidade, tipo, é muita coisa, é muito louco, é muito, não é? Não é bonitinho, sabe? Não é glamouroso, não é nada, é um perrengue do cacete. Assim foi muito difícil, mas é muito rica, mas é uma experiência muito rica, sabe? E aí eu conheci lugares incríveis também, né? Sim, Noruega, enfim, nossa, vocês lugares. Então, deu uma por uma rodada no mundo aí. Deu uma rodada, menina, olha que aleatório, começou lá no pátio desta casa.

Achei muito legal tudo que você falou é sobre as experiências. Assim, sobre essas vivências em diversas bandas, né? Eu eu te admiro muito, porque eu vejo que você não tem muito assim, mesmo que você tiver. Mas é me parece que você não tem muito medo de encarar

coisas novas assim. EE me fala uma coisa assim, de todas essas experiências que você passou inclusive da sua iniciativa de ter feito o festival, né? Só com mulheres e ter feito essa homenagem para Sônia, enfim. É o fato de você ser mulher é te impediu de fazer alguma coisa ou dificultou o seu caminho de alguma forma?

Cara, eu acho que.

Hoje em dia? Eu tenho. Mas noção assim, né? Eu tive muita sorte com as pessoas com quem eu trabalhei de verdade, assim. Eu não senti muito isso. Né? Diretamente, assim, com pessoas que eu trabalhei e tudo mais, só que. É,

houve, assim, teve algumas algumas questões, né, que eu percebi e é aquilo, assim como a música. Se eu fosse uma pessoa. Que a música para mim fosse algo primor, sabe assim é porque é isso. A música não foi uma coisa que eu escolhi, sim. Nunca foi um sonho, sabe? Nossa, vamos lá e tal. Só que assim eu sei que eu perdi oportunidades por não estar no padrão, sabe? Eu perdi a oportunidade de trabalho por estar acima do meu p acima das que que é acima do peso, não é para comer. Que peso que é esse, né? É verdade. Eu não está no padrão de peso, né? Eu não gosto de falar acima do peso, mas tá é que peso aqui, qual que é o peso, né, do padrão do que a galera gosta de estar? É, eu já fui. Eu já fui bem mais gordinha assim, né? Isso me tirou o trabalho e eu acho isso muito injusto, sabe? Eu acho isso é injusto. Assim. É cruel e. Tem?

E já ouvi coisas cruéis, sabe, tipo, você não vai. Você nunca vai fazer sucesso porque você está acima do peso e tal, não sei o que está, mas coisas assim. Se eu fosse uma pessoa, vou acender a luz aqui cuida, tá adiantou. Nada bom. Se eu fosse uma pessoa. Que sempre tivesse tivesse tido esse sonho, né? Porque eu tinha. Eu tenho muitas, muitas, muitas vontades, sabe? Meu sonho mesmo na real, era fazer uma faculdade, sabe? Se aquilo fosse minha vida, né? É, eu acho que isso me abalaria muito mais, sabe? Eu não sei se estou falando uma besteira, mas mas me abalou, me abalou como mulher, né? Me abalou, minha

autoestima ficou abalada sempre, né? A gente tem que ficar. Eu não acho que isso aconteceria isso. Se fosse um cara, sabe exatamente, é, é. Eu acho. Não sei se isso aconteceria assim e não sei não, né? Vamos falar a verdade não aconteceria, é? E isso é muito. Justo com a gente, né? É colocar essas coisas, enfim, assim de. Outras, né? Sim, que a gente possa é um. Isso foi uma coisa que eu senti muito assim é, não tem como eu negar que isso foi uma coisa que eu passei, sabe? Aham, é.

Mas é isso, assim. Num, num, num.

Isso foi muito marcante para mim, sabe? Isso foi algo que me que me destruiu, de uma de uma forma, assim que saca, tipo.

Foi muito pesado, né? E eu acho que as pessoas não têm nem noção. Sabe de de que? Das consegui abalou tanto. Sabe de que isso abala tanto? E da raiva na verdade, né? Você fala, cara, que que ***** é essa, né? Aham. O que a gente está vivendo, o que que, que que está acontecendo, né? Que que? Então é isso, cara, tipo. Essa pressão da estética não é tipo de tudo isso não basta, não é? Não basta. E, no final das contas, as pessoas que me falaram isso, né? Tinham razão, né? Esse que é o pior é uma razão, né? É porque.

Enfim, não estou falando que sabe, eu não estou falando que não foi por isso. Não estou falando nada disso, sabe? Eu. Eu nunca tive grandes ambições, sabe também, tipo, não tem isso assim, mas ouvir isso é muito duro, sabe? É muito difícil, sabe porque. Cara, desvalida absolutamente tudo, tudo, todo o seu trabalho, né? Exatamente? Sabe exatamente desvalida tudo, tudo. E isso é ruim, né? É bem chato. Para falar o mínimo é, eu fico pensando assim, a gente vê as cantoras pop. Acho que principalmente as mulheres no sertanejo. Você, você sabe, né? A por exemplo, a Marília Mendonça no começo. E a Marília Mendonça mais pra frente todo mundo falando assim, nossa, agora que ela tinha emagrecido, né? Ou a Maiara e Maraisa aqui, cara? Elas transformaram inteira para atender esse padrão que. Quis, né? Que tá tirando ou não é um padrão para homens, né? Não é um padrão para mulheres. Né? É um

deveria no mercado, né? É um padrão para o mercado, né? É um padrão para homem branco, rico e enfim, é isso, exato. E a gente continua sendo um agente, continua sendo um produto, né? O ruim, na verdade, é, enfim, né? A indústria fonográfica é é uma loucura, né? É, mas a Jennifer Hudson também, né? Teve que perder. E ninguém canta que nem essa aquela mulher sabe assim, aquela mulher é tipo, é um, é um monstro cantando, sabe? Mas alguém falou Pra Ela, olha, você vai ter que emagrecer. Eu cara, eu. Eu te falo que isso me me deixa muito puta, sabe? Sim. Isso é um negócio que me pega de um jeito. Não só eu, né? Tipo nós, mulheres, nós, mulheres, então é e hoje? Hoje está, tem mais gente falando, mas a coisa está mais mascarada, eu acho, mas ainda tá ali, né, sim, aí eu tô. Né? A gente sabe, né? É difícil. Okay,

me falou uma coisa pra gente finalizar é para mim. Eu ficaria aqui 5 horas, porque é um fato um frito gostoso. Mas é com tudo isso que você me contou com tudo que você já viveu. Se você pudesse viajar no tempo e dar um conselho para Camila lá do começo que estava começando a carreira profissional e tal, o que você diria para você? Se você tivesse de frente com você ali, com seus 1718 anos, que você diria?

**** *** ***** briga.

Peguei. Agora vai ser meia hora só para o pensar numa resposta. Ai, vê que você fez isso comigo.

Cara, eu acho que eu fiquei. Eu mandaria um áudio de 1 hora pra pessoa começassem do quê?

Eu acho que eu falaria. Pra essa menina? É

primeiro. É ter mais foco.

Tem mais foco e tem mais planos, sabe? Plano de. Plano de. Plano de ação, sabe? Eu fui muito. Quer vida, né? Mas eu fui indo como as coisas foram acontecendo. Eu fui indo e eu nem sabia para onde estava indo, mas eu fui indo porque a vida foi me levando. Eu acho que eu tomaria decisões diferentes, sabe? Eu insistiria em outras coisas.

Talvez continuaria na música, mas de um jeito mais focado, mais planejado, sabe? Sim. I. E também falaria para ser mais gentil, sabe, para eu ser mais gentil comigo mesmo, sabe? E eu certamente mandarei umas pessoas tomarem no ** né?

Ó, você pode, você pode ser mais dura que sabe, aham, tudo bem, você não precisa ser boazinha, dá um sorrisinho e tal, você pode falar, não sabe? Você pode falar isso não é justo, você pode falar aqui não, né? Então eu eu daria mais limites também para algumas pessoas. I. E ficaria mais e falaria menos também.

Mas é isso, meio confuso, não é meio aleatória assim. Canseira, mas não fechei. Maravilhoso é? Eu acho que que é bem, é bem essa síntese, né? Porque eu entrevistei antes de você, entrevistei a Guta e é muito legal, é maravilhosa e é muito legal. Perceber assim as respostas, e eu acho os conselhos dela foram muito parecidos com os seus assim, sabe? Então, eu acho que. Que é uma análise a se fazer, né? Mas é aquilo, né? Se eu tivesse, se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje uns 40 com 17. Tudo seria completamente diferente, mas eu não estaria. Eu não. Eu não teria a cabeça que eu tenho hoje se não tivesse passado por todas essa experiência. Então esse paradoxo, né? Aham. E então? Eu acho que hoje em dia eu consigo abraçar mais a minha história do jeito que Ela Foi, sabe? É isso assim. I. E Ela Foi, né? Ela Foi desse jeito assim, sim. EE é legal, e aí, toda vez que a gente revive com a gente, revisita tudo isso, você fala, ******* eu faço é muita coisa, né? Aconteceu muita

coisa, ainda tem muita coisa, exatamente, é muito curta esse podcast.

Que ela tinha medo de entrevista, não para de falar, né?

Acabou, mas é legal uma coisa, uma última coisa que eu queria falar assim é que AAA música. Com a minha história, ela está muito a minha história. Na verdade, ela está muito intrínseca. Cada com minha história na música, sabe porque a música me levou, me fez conhecer pessoas com quem eu me relacionei até hoje. A música me levou para lugares, né? Que eu nunca iria assim, não fosse a música, né? E. Enfim, é. Hoje eu sou muito, profundamente agradecida. Pelo que a música me proporcionou, sabe? Foi muita coisa assim, né? Apesar de não ter tido muito foco, não ter tido muitos planos para vender. Muito plano, né? Direção e tal, mas foi um caos muito bonito, sabe? Sim, é um caos legal hoje. Hoje eu acho bonito, eu acho um caos bonito.

É isso. Hoje eu estou sem cantar, né? Porque eu mudei de estado. Então eu tenho preciso conhecer gente. Preciso conhecer umas pessoas, só que é mais lento assim. Eu não conheço absolutamente ninguém aqui. Eu não toco nenhum instrumento, então dava sair tocando, pegando o violão e tocando o que é, ó, olha isso, posso voltar No No, no, no, com certeza, nos conselho aprendi a tocar violão, Camila, você tá marcando, cara. Porque é isso, aprendi. Tocar violão. Sim.

E é isso, não é sobre isso, é sobre isso, mas. É sobre isso, é esse. Cara, muito obrigado por esse papo, foi muito gostoso. Eu amo conversar com você sempre. E são muito só, eu admiro demais. E é isso aí sim.

Entrevistada: Tamara Pereira é formada na USP Ribeirão em Música e seu instrumento, inicialmente, foi o piano. A musicista tem uma voz inconfundível e presente no mundo erudito e hoje é uma das solistas da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto.

Entrevista 2 - Mulheres na Música

Gente, estou aqui com a Tamara Pereira, uma super musicista e cantora. Seja bem-vinda à tamis. Obrigada, prazer. Bom pra gente começar esse papo, é? Quero saber qual foi o seu primeiro acorde, né? Como é que começou a tua relação com a música? Como é que, como é que tudo isso começou na sua vida? Bom, eu tenho. Posso ter o privilégio de ter nascido numa família musical, né? De gerações, de bisavós, avós, pais, irmãos, tios, primos. Todos, sim, sem exceção, são músicos. Alguns é somente alguns profissionais, mas todos eles tocam ou cantam, então é. É uma. Foi uma questão de berço mesmo, né? De genética, inclusive, que fez com que eu tivesse um contato direto com o fazer musical dentro de casa, em ambientes familiares. Então isso fez toda a diferença. Foi um facilitador imenso que eu tive no contato com com música, não é? Então dentro de casa eu tenho. Tinha, né? Agora cada um mora na sua casa, mas é uma irmã pianista, pai, irmão, trompetista, mãe cantora. Então o primeiro contato com música que eu tive foi cantando. Depois, com 7 anos de idade, eu comecei a estudar piano com a minha irmã em casa e aí depois disso eu nunca mais parei de estudar música e aí acabei me tornando profissional, enfim. Mas o primeiro contato com o fazer musical mesmo foi através da voz, por influência da minha mãe. Cantava muito bem e a gente cantava, sentava juntinhas no ambiente da igreja

que eu ouvia e eu cantava com ela. Então, desde muito pequenininha eu já aprendi a abrir vozes, cantar outras vozes que não a principal. Por é. É um aprendizado ali, auditivo, da influência da mãe, da família, nossa, que perfeito. E como é que foi? Assim, como é que isso foi se estruturando? Como é que você decidiu? Porque é a você também foi a minha professora de canto, né? Coisa Mais Linda do mundo, me nossa, meu evoluiu muito assim Na Na música, e eu queria saber, assim como é que foi se estruturando, além dessa relação familiar, de você escolher, por exemplo. Uma faculdade, né? Como é que foi indo esse caminho? Através do canto e tudo mais, até você chegar onde você está hoje? Certo, a embora eu sempre tenho estudado música a vida toda teve um grande período aí na minha vida que eu fui atleta dos 9 aos 16 anos de idade, que foi de caratê. Aham, então eu me dedicava tanto aquilo que eu imaginava que eu fosse trabalhar com aquilo. Que eu fosse fazer aquilo sempre, né? Embora gostasse de música, mas não até então, não olhava como profissão, mas aí eu me lesionei de forma muito séria, que me impediu de continuar e a música era um amor a fim, né? Eu gostava tanto quanto, então eu me refugiei na música. Eu peguei toda aquela disciplina, toda aquela dedicação, aquela coisa marcial mesmo que eu

tinha no esporte que é muito afim com arte pra música, né, totalmente e inclusive eu sou a favor de todo ser humano. Praticar esportes e artes não é que dignifica, é? Sociabiliza, disciplina, torna pessoas melhores, enfim, não é? E aí que que eu fiz? Eu falei, bom, o que que eu faço agora, né? Então eu passei a dedicar todo o tempo que eu tinha e a disciplina que eu tinha na música, então, em pouco tempo,

em 1 ano e pouco, eu já tive nível pra entrar na USP. Então, assim, a prevenção é bom, mas eu não tive dificuldade para escolher minha carreira não porque eu amava tanto quanto né? Então eu não tinha uma coisa, eu falei, bom, vou para isso, porque eu sei que eu gosto, eu faço muito bem. Aí eu tive a influência de amigos muito queridos, todos os horários, amigos que foram meus professores, que aí nesse sentido eu acabei entrando no conservatório, em Jaboticabal. Até então eu não fazia aula no conservatório, eu fazia com a minha irmã. Só que aí, visando uma questão de fato, seguir uma carreira profissional, eu falei, bom, eu tenho que ir para um outro ambiente, que é o ambiente do curso técnico, e foi me preparar para vestibular, enfim, então é também pela influência o contato com essas pessoas que estavam vivendo a universidade, de escolher isso para a vida e também a apesar do de um certo, uma certa ressalva. Eu tive apoio da minha família sim, né? Porque todo mundo à vida de música é difícil. Tava Mara ai, porque vai ser complicado. Eu ouvi a mesma coisa. Mesma coisa, né? É aí eu falei, bom, é o que eu gosto e eu sempre ouvi que quando a pessoa realmente gosta do que ela faz, ela vai até as últimas consequências para ser muito boa e para fazer acontecer. Eu falei, é isso que eu vou fazer. E aí foi por isso que eu escolhi a música. É só que acontece. Eu entrei na USP como pianista, então eu não sou formada em canto pelo universitário. Eu sou formado em piano. Que a hoje em dia eu vejo como faz diferença na minha carreira como cantora, ser uma instrumentista de alto nível também. Desconto, né? Vários aspectos que são diferencial pela minha faculdade ter sido de música de de piano, né? E aí, dentro da universidade? Eu precisava cumprir algumas matérias. É obrigatórias, inclusive a música de Câmara, e aí eu comecei a acompanhar os cantores de bacharelado em canto e arte lírica, nas aulas em concertos tocando,

né? E aí eu comecei a ter contato com como funcionava. Qual é a ideia de uma aula de canto, desenvolvimento vocal e eu sempre cantei, né? Gostava de cantar, abrir voz, sempre cantei em couro, adorava lei um, gostei disso, até que um dia me dá a oportunidade de fazer um

vocalize numa aula que chama pedagogia da voz, uma aula aberta. Né? E aí falaram, você tem potencial, a tua voz é boa porque você não estuda canto? E eu falei, bom, vamos lá, né? Aí na época falavam muito bem de um professor para o senhor Alexandre galante, da companhia Minas de ópera. E eu queria fazer algo com ele, então esperei 6 meses para conseguir uma vaga que ele me ouviu e falou, quero te dar aula, mas não posso agora. E aí eu esperei e aí quando eu consegui, eu nunca mais deixei. Ele é meu professor ainda nossa há 10 anos. Que massa assim. EE aí foi o nosso trabalho junto, fez a coisa acontecer. Eu descobri que é isso que eu realmente queria. Então, hoje em dia eu migrei totalmente para o trabalho vocal, tanto em orientação quanto em performance, né? E tem dado muito certo, tem feito muita, muita coisa e é isso. Maravilhosa e me fala uma coisa, tamis é com toda essa história, né? Que você já viveu dentro da música? Quais você considera que até hoje foram as suas maiores oportunidades? Assim, se você pudesse elencar coisas que estão dentro do seu coração, é quais você acha que foram as suas maiores oportunidades até hoje? Olha, olha, eu acho que. Espera, vamos trazer para a música de concerto, né? Que é a minha área, tá? É cantar, ser solista de uma orquestra, estar à frente de uma orquestra. Eu acho que essa é a maior, a maior oportunidade que uma cantora solista pode ter, né? E graças a Deus, eu sou uma solista oficial,

por exemplo, porque a Sinfônica de Ribeirão Preto sim, e na verdade é juntando tudo isso. Um momento emblemático da vida foi quando eu pude pela primeira vez, pisar no palco do Pedro, segundo como solista, porque eu sou, eu sou da Juventude, Juventude tem concerto, né? Eu vinha com ônibus. Já vos cabal, quando pequena, para assistir os concertos e eu ficava deslumbrada com aquele teatro, porque ela cortina vermelha imensa, vendo os cantores, pessoas me inspirando ali, né? E. Mas eu jamais imaginei, e aí o primeiro, a primeira vez que eu tive porcentagem de solar com orquestra que já é por si só, já é uma baita oportunidade. Ainda no palco sagrado, Pedro, segundo. Foi um negócio assim que eu jamais vou esquecer a sensação de estar do lado de cá. E inspirando pessoas também vendo olhares que eu tinha quando eu estava do lado de cá, né? Então, em relação à performance, eu acho que. Emblemático mesmo essa, essa, essa oportunidades, né? E em relação ao ensino, é quando eu. Fiz a minha primeira apresentação com os meus alunos. Que eu consegui olhar aquele Monte de gente ali falar, puxa, olha o quanto de gente que confia no meu trabalho, que confia a sua voz, o seu sonho, seu hobby, sua vontade, a sua realização, né? EE na verdade, é. É o pro, é, é o é o resultado, né? Sim, do trabalho, é você vê a pessoa, subida do palco e mostrando para os outros o que ela que ela trabalhou que a gente fez ali a aula aula, né, todos

os dias, então são 2 situações assim, que pra mim foram muito Wow. Sou uma profissional, OK, pessoas confiam em mim, e é isso um. Muito linda, assim eu tive a oportunidade de participar de 2 Apresentações, né? Uma foi online que a gente estava, né? No meio da pandemia e a outra

foi presencial e uma coisa muito linda de se observar, assim é que é a evolução das pessoas, né? Porque aquela coisa, né? Acho que muita gente que vê de fora fala assim, ai cantar é só pra quem tem dom e não, né? É o. É um exercício, é. É um aprendizado, né? Como você sempre dizia para mim, é uma musculatura, né, que a gente precisa exercitar. E é muito lindo ver pessoas assim, que acho que nunca se imaginaram cantando. Evoluindo assim, de 1 ano para o outro, por exemplo, que foi o que eu acompanhei, e sim, e como se cria um ambiente de força, né? Não tem 11, soberba assim de eu sou melhor do que você. É um ambiente de apoio, de força, de aplauso e eu acho que que isso muito que quer dizer muito disso, vem também da sua conduta como professora com seus alunos, sabe de incentivo e é uma coisa muito linda. Assim de de se experience, ar, de se viver, sabe? E tenho certeza que isso também vem muito da da, da sua história, né? Com certeza, com certeza, porque tem se muito essa ideia da da, do, do artista, da arrogância, né? Do do, da música de concerto, da soprano, da dadiva, dessa coisa não converso, não tenho contato, não me toca, não me não é aham. E assim é uma coisa que eu falo muito, muito para os meus alunos, você sabe disso, né? Que se se alguém tiver que falar de você, que seja os outros. Mel é, saiba o seu valor, saiba o seu nível a sua condição, né? Mas assim então, assegura dinha, né? Vamos colaborar, vamos ser, é, é empático e incentivador dos outros, né? Então, assim, Eu Acredito também que seja um reflexo do que a gente vai plantar no dia a dia aqui dentro, né? Sim, nas

aulas também. Que é isso? Ô Thammy, e outra coisa assim é, eu entrevistei outras mulheres que são da música popular, né, que tocam nos bares e tudo mais. E é muito triste assim, ouvir as dificuldades que essas mulheres passam, por exemplo, a magoo ta relatou que uma vez ela, Ela Foi tocar num bar. Ela levou um homem junto com ela, né, que era o baterista e aí o dono do bar falou pro cara que ele deveria cantar também, porque a voz de mulher é enjoativo. Então assim, sabe. É uma coisa assim horrível, né? E você que está mais No No mundo, assim do erudito, é nos palcos aí. Enfim, né, do dos teatros e tudo mais, como é que é essa essa conduta, essa, essa. Esse. Esse outro lado é do do erudito. Assim, em relação ao fato de

de você ser mulher, você já sofreu? É algum problema? Preconceito? Como é que é assim? Olha a. Eu posso falar em relação a um, a discriminação mesmo. Não só por ser mulher, mas estar associado ao físico, não é? Sim. Então, por exemplo, tem se tem se a alguns níveis e formas de discriminação. Sim, que eu já passei. É, por exemplo, entre mulheres, mas sobretudo, relacionado ao físico. Tá que é uma coisa que a gente passa sim, não é também com certeza. É. Então, por exemplo, eu já passei por audições em que, segundo os avaliadores. A minha era a melhor voz. Só que você não tem físico adequado, você não serve pra gente, é melhor escolher outra pessoa

do que é. É readequar o figurino. Tim. Só que com isso não acontece com homens, é porque para eles não é problema nenhum protagonista ser um homem que não é o padrão. O russo é uma coisa exigida para a figura feminina. Não é? Então isso assim foi Claro, Claro, Claro assim, muito Claro, não é? É, então foi. Foi uma coisa que vou Sério que está acontecendo, né? É assim, Eu Acredito de verdade que talvez esteja esse tipo de questão dia você ser uma figura feminina que sofrer determinadas coisas talvez seja um pouco mais presente na música popular, porque o meio erudito ele tem. Ele é um meio muito protocolado. Mar. Então, por exemplo, durante muito tempo, a soprano É Ela era uma mulher gorda, ela era prima Donna le. Veja a monserrat caballé, a figura dela, que ficou mais popular meio que se que que popularizou a figura, né? Aham, então tem muita gente que Olha Pra Mim e fala ao meu, você tem porte de cantora lírica? Por conta da figura, né? Só que isso não está acontecendo mais, então é mulheres gorda, tão, tão, sofrendo, muito, muita discriminação hoje em dia, né? Mas assim é, tem se uma. Como é que eu posso dizer? Meio que uma veneração pela figura da sua lista, né? Então, nesse sentido eu posso dizer que eu passei algumas questões, sim. É, mas acredito que não sejam tantas quanto um ambiente de música popular, sabe? Porque eu convivo com muitas alunas e amigas que trabalham assim. EE por ser um ambiente protocolado, o ambiente de teatro, cheio das suas questões, a gente não tem muita abertura para determinadas coisas,

né? Gostas? A gente passa em em bares e tudo mais, mas esse gancho que você puxou da magoo ta, já aconteceu. Já ouvi à efe que não bota um homem cantando mulher, fique com a voz fina e ficar berrando. Ninguém aguenta mais. Isso eu já ouvi gente de produção mesmo. O Roberto não chamou um homem para cantar? Nossa. Desse jeito, né? Desse jeito, que que

não chamou um cara, um cara. Chama o cara para cantar?

Max, então é o que eu posso dizer de de de realmente, de questões de dificuldades, é. Seria isso pelo que eu me lembro aqui agora, né? Porque há tanto tempo ainda para tanto canto fazendo tanta coisa? Mas de forma geral, eu acho que é um contexto que tem um pouquinho mais de privilégios, sabe? As pessoas tendem a tratar. Eu estou me colocando como a Tamara, sua lista, né? Sim, tendem a tratar a Fontoura assim com realmente uau. Às vezes as pessoas terem se aproximam, né? Sim, é, enfim, mas às vezes tem o contrário também. Já estou, estou falando, estou lembrando, tá? Aham, eu já passei por por contexto que em que eu fui cantar? E eu não tinha estrutura nenhuma. Sabe, para o mínimo de dignidade, de lugar para, para se arrumar para coisa assim há. Mas é, é cantora, é tudo assim, ó tipo, deixa aí que ela se arruma, dá um canto para ela qualquer. Aí a ver, tipo o cara, o outro cantor tinha um lugar para ele. Estruturado em estrutura do então. Assim, nessas coisas a gente vai ver, né? É, é verdade, essas coisas a gente vai vendo. Enfim, mas. Mas é isso, ser uma mulher e gorda. No meu meio, tem bastante dificuldades. O Rui eu posso associar o gorda aí na história que dificulta muito as coisas. Sim, né? Sim, com certeza. E dentro dessas desses preconceitos assim, até às vezes, por alguma outra razão, você já pensou em desistir ou o sonho a vontade foi sempre mais forte? Olha. Já pensei, já pensei, sim. Teve momentos em que bateu forte. Sabe, mas aí eu ainda bem que eu tenho pessoas muito iluminadas, né? Ao meu redor, inclusive a gente já, até em algum momento conversou sobre coisas assim, né? Sobre EE se apoiar, né? Sobretudo o apoio feminino, sim, então eu tive muito apoio feminino. É em várias dessas

situações. E assim. É, eu pensava, meu é muita dedicação, eu evolui tanto. Eu estou num nível profissional tão bom para este tipo de coisa realmente ser um fator que vai fazer o jogar no lixo. Tudo que eu estudei dá vontade de vontade. Já pensei, sim, sim, mas com o tempo a gente vai meio que tendo que tendo que olha isso é aprender. A viver nesses contextos, não é? E o que que acontece agora? Claramente, passei pela cirurgia bariátrica e. Vai ser, vai ter os seus. Os seus reflexos nisso. Isso eu sei que vai, né? Não fiz. Por isso eu fiz pela saúde, mas o tanto de agora com 30 kg a menos, eu já tenho visto desdobramentos dessa decisão. No acolhimento de algumas pessoas nas oportunidades, é nas abordagens, entre outras questões, né? Então eu sei que talvez esse meu processo me ajude a minimizar algumas questões que eu

passo sim, né? Mas não, não, não fiz por conta disso, né? Mas eu sei que faço sim, então a consequência, uma das consequências, né? Uma da uma das consequências tem uma cantora. Britânica, é? É, eu esqueci o nome dela está mar, alguma coisa, Tamara também, e Ela Foi mandada embora. Da da da Royal opera House, de Londres, por estar gorda. Nossa, e era uma voz primorosa, só que tinha cantores homens tão gordos quanto que não foram mandados embora. O que que ela fez? Ela fez a cirurgia. Hora que ela emagreceu. Eles admitiram ela de novo.

Só que isso não aconteceu com homens. Você vê como é que, como é que é? O rolé é, é uma coisa muito estipulada e até agressiva, né? Porque? Não existe um. Né? Não existe nenhum floreio assim. É exatamente. Olha você emagreça e volte, né? É? É simples assim. É simples assim. É. O negócio é louco, pois é, enfim. Não é isso?

Pois é, o Thanos e me fala uma coisa, é no meio musical aí que quais mulheres você gosta de ouvir? Quais mulher com as mulheres tinham inspiram No No seu trabalho? Olha. Que embora eu viva mais a música de concerto é. Eu gosto muito de cantoras populares, um muito, muito, muito mesmo, inclusive cantoras que fazem parte da minha vida. Sabe, mulheres, mulheres que que eu admiro demais demais demais da conta. Alunas amigas, né? Sim, é, é você é uma cantora que eu admiro muito.

De verdade, a tua arte é linda, linda, linda mesmo a tua postura, né? O jeito que você você respeita, que você faz a tua arte, é eu respeito muito EE eu admiro muito, né? Tem a Daniela tosta aqui de Ribeirão Preto também, que é uma grande amiga e ex-aluna também, que é uma pessoa que é fantástica, ela é do samba, ela canta pra caramba, tem a Maísa. Esse aqui de Ribeirão também, que eu gosto muito, maravilhosa. É depois a gente for falar de figuras assim. É é de conhecimento, realmente nacional, Internacional.

Nossa, tanta gente.

Está difícil de de de nomear, nomear, tem. Tem algumas cantoras que hoje em dia é porque tem as figuronas assim que todo mundo admira, porque são muito boas, né? Aham, mas tenho. Eu tenho acompanhado algumas cantoras que tem quebrado muito, muito os preconceitos, as as, os paradigmas através da sua beleza, de forma geral, da voz, da postura. É hoje em dia, tem sentido muita, muita cantora preta, o Rosendo, o papel principal nas grandes óperas. Nossa, então, tem a Jeane inibe que tem apreende, que são mulheres assim. Maravilhosas que eu faço questão de acompanhar, porque elas estão arrasando, sabe? Aham. Então são muito inspiradoras para mim. Ter algumas cantoras gorda também que estão tendo espaço. Tamara Wilson, por exemplo. É, então é isso. Eu eu dou bastante ibope pra pra essa galera que representa, sabe se vai lá e passa por cima e fala ó, é isso aqui, querido. Aqui tem qualidade, sabe? Sim. E aí o metal horta, né? É número hot exatamente. Exatamente, só isso. O tami, se para a gente encerrar a nossa entrevista, eu quero te fazer uma pergunta que eu faço para todas as mulheres que eu entrevistei e eu gosto muito, porque eu eu quero que esse canal ele seja também um espaço para quem tiver começando. É se sinta em casa, se sinta à vontade. E também tem a experiência um pouquinho, né? Da da experiência de quem já tem. Aí já percorreu um caminho, né? Eu acho que como a gente. É ainda a Batalha pelo nosso espaço. Acho que para a gente estar aqui hoje também, muitas mulheres

tiveram que abrir essas portas, né? E. E aí a última pergunta é a seguinte, se você pudesse voltar no tempo, lá no seu começo de carreira, e dá um conselho para sua Tamara lá do começo, o que você diria para ela?

Olha, nossa, que difícil, né? A, eu diria o seguinte, não perca oportunidades. Sabe, é. Porque às vezes a gente tem medo, né? Sobretudo no início, muita insegurança. A gente acha que tem que estar pronto para dar determinados passos. A gente nunca vai estar sim, a gente vai ficando, né? Um a gente vai amadurecendo e vai e vai evoluindo. Então assim eu acho que esse é o ponto principal que me fez sofrer muito no início. Era uma cobrança absurda, por um nível que não fazia sentido. No início de uma vida, né é? E também assim, deixar oportunidades, passar por achar que eu deveria estar pronta. E não é isso. E apesar de tudo, assim depois, muito rapidamente, em pouco tempo eu tomei consciência disso, né? Mas perdi

algumas coisas que talvez fizesse alguma diferença hoje em dia. Então assim a gente nunca vai estar pronto. Eu falaria, Tamara, você nunca vai estar pronta, mas no próximo dia você já vai estar melhor do que hoje e no outro melhor do que agora, né? Tudo é um processo, então, se a gente entende o tempo do processo. Fica muito mais leve trilhar o caminho, né? E não se compare. É isso. Não perca oportunidade. Não se compare com os outros. Não existe, né? É comparação. A coisa mais injusta que existe. Se você pegar 2 pessoas

com a mesma idade, nascidas no mesmo dia com o mesmo professor cantando o mesmo tipo de coisa, não tem como comparar. É, é verdade que cada um tem um repertório, tem uma simplesmente por serem fisiologia diferentes, já trazendo aqui pro pro meu mail, né, pelo meu pro meu metier já não tem como comparar. Né? EEA comparação paralisa. Muitas vezes isso aconteceu muito comigo. Então, para quem quer aí traçar uma. Se quer realmente trilhar um caminho numa carreira, nem pode seja musical ou que seja, né? Não perca oportunidades. Aquela frase clichê tem medo, vai com medo, Meghan. Que é isso, vai, vai, porque a oportunidade faz crescer. Depois que eu entendi isso, cada coisa mais difícil que chegava para mim, eu ficava com medo, sim. Ai meu Deus, vamos lá, né? Mas me dedicava mais e fazia mais e aquilo e levava o meu nível. Eu ia lá, fazia bem. Vim uma outra oportunidade. E depois outra, mais difícil, então as oportunidades também me moviam a estudar, a evoluir mais, a ir mais atrás. Então, assim você ter contextos, né? Que tipo Chen é essencial, então, aproveitar essas oportunidades é muito importante e quando eu tiver lá, foca no teu, sabe seja você Oo ponto de comparação, você de agora com você de antes e como você que você quer ser, sim. Então é essa, é isso, o conselho que eu daria para Tamara, que que começou lá atrás, né? Já desde agora não quebra a cabeça para. Para poder chegar a essa conclusão, sim. Perfeito, estamos, muito obrigada. Foi maravilhoso aqui, pessoas. Obrigada pela oportunidade e o que foi muito enriquecedor fazer essa troca, né? É essencial,

com certeza, se você quiser divulgar isso, as redes sociais, seu trabalho pode ficar à vontade. Maravilha, então é o meu Instagram. É um Instagram profissional, @estúdio Tamara Pereira, que eu sempre coloco o conteúdo sobre técnica, Curiosidades, vídeos divulga apresentação, né? É um ambiente.

Ambiente de de conhecimento também não é? E é isso. Então até a agenda de Apresentações também. Eu vou colocando lá sempre que que tem alguma coisa marcada. Então, aí para até para possíveis aulas e tudo mais. Orientações é por lá também. Tem todos os contatos na página. Perfeito, muito obrigada, sua linda. Até a próxima foi um prazer tocar. Tchau.

Entrevistada: Magutta é o apelido de Michele. Ela é musicista, cantora, compositora e está na estrada desde muito cedo. Filha de mãe e pai músicos, Magutta começou muito nova a cantar e tocar pelos bares de Ribeirão Preto. Inclusive, com 7 anos, foi denunciada por ser menor de idade e estar trabalhando com os pais. A musicista nunca desistiu de sua paixão e até hoje ganha a vida na profissão enfrentando questões pessoais e profissionais que permeiam e influenciam em seu trabalho.

Entrevista 3 - Mulheres na Música

Bom, Magutta, muito obrigado por ter aceito o convite. É uma honra ter você aqui no programa. E para começar a história toda assim, eu queria saber qual foi o seu primeiro acorde, como é que começou tudo isso na sua vida? Nossa, bom, antes de tudo, obrigada novamente por ter me chamado é fico sempre muito feliz de poder conversar com você e poder contribuir aí com com o teu trabalho. É nossa. É uma pergunta muito difícil para mim, porque. Eu acho que eu não consigo lembrar. Acorde. É, mas o primeiro contato com a música, assim eu pegar um instrumento, na verdade, foi o instrumento é de de percussão. Eu. Eu tinha uma bateria em casa, né? Eu viajei, era do meu pai. Ele tinha uma banda, uma banda baile. E aí eu adorava sentar na bateria e ficar tocando. Eu devia ter uns 45 anos que legal. E aí é, e assim? Aquilo eu achava, né? Incrível porque era uma coisa gigantesca, né? Parece uma nave, sim, mexer essa sensação. E eu acho que foi isso o primeiro primeiro contato com o instrumento assim foi foi a bateria. Mas eu não. Não levei adiante porque. É nessa mesma banda que meu pai tinha, tinha 11 tecladista que ele tinha 2 teclados. E é que o me ganhou muito mais repente. Ele chegou com 2 teclados. Eu ficava tipo gente, que coisa, não legal assim. E aí eu comecei a tocar também criança, sei lá, lá, anos, anos, anos aí meu pai trocou a bateria, né? Não tinha condições, ele trocou a bateria pra poder pegar teclados, aham. E aí eu fiquei. Aprendendo. Que legal. EE dentro da música, assim é profissionalmente falando. Qual foi

a sua primeira experiência? Você você tem essa lembrança. Eu tenho. Foi também muito novo, assim eu tinha 12 anos, eu acho, hã. Vamos ver o 12. E aí foi até uma história. Já sim, polêmica, porque eu, com 12 anos, tocando em bar, Eu. Eu tocava pro meu pai, tô aqui com ele por um bom tempo. E aí a gente tinha um trio, Era Eu, ele, uma moça cantando, né? Não cantava, só tocava teclado. Na época, ele tocava violão e cantava. E aí tinha esse bar que era de pó, pizzaria, enfim, e eu, com meus 12 anos, comecei a tocar lá com ele. De final de semana e enfim, eu estava com ele, né? Uma autorização dos 2, só que tinha uma moça é que ela era a mãe do menino, do menininho que estava comigo na escola. Aham, e Ela Foi ver. Assim, ela soube por alguém que eu tocava, Ela Foi ver, ela fez uma denúncia nossa e falou que era tipo abuso de menor, não sei o que. Nossa, nesse nível, assim, então, meu primeiro contato já foi com o baque do tipo ai, mas eu estou aqui estou, estou gostando, estou com com minha família. Não estou sendo explorada, sim. E aí a gente teve que recorrer neles. Meus pais recorreram advogado para pegar um aval do tipo eu posso tocar com eles, até posso tocar com meu pai, até sei lá, lá, horas, horas, horas da noite, não lembro ao certo pra não ter mais problema. E aí eu comecei assim, e aí a gente fazia pequenos eventos. Ele me levava em algumas festas para tocar EE. Aí foi indo assim, fiquei muito tempo tocando só com ele e com com esse trio aí, aos poucos eu tentava cantar um pouco, fazer um backing vocal, mas eu era muito tímido, era só mais um instrumento mesmo. Entendi, e você chegou assim

a fazer conservatório. Foi para alguma escola de música? Como é que foi esse aprendizado? Foi você foi autodidata, foi seu pai que te ensinou. É, não, eu fui ter aula com 18 anos. Só aham, eu fiz aula de ti, ELO é primeiro segmento que eu que eu fiz aula, deveria 17 para 18. Antes disso, era tudo auto didata, mas assim eu acho que sem essa coisa do tipo auto de data de AIDS é no não, foi exclusivamente. Porque eu assim sozinha, explorei muito, explorei todos os instrumentos que tinha ao redor por conta disso, de de estar sempre perto de bandas e tal, mas veio muito de observar meu pai, então a influência dele foi e é muito grande, sabe? Então, ele tocava violão muito bem, então eu observava muito ele tocando e fui pegando assim, de olhar e tocar algumas vezes. Ele me ensinava tipo, ó, você tem que fazer mais pressão para, para. Para Pestana, sair boa para não sair trastejando. Então, assim ele dava esses toques para mim. E aí eu fui desenvolvendo nos outros instrumentos, mas o contato assim, de tipo de ter uma aula mesmo, foi só com 17 para 18 que eu fiz. No projeto

kabuki, não sei se você conhece, conhece que era tipo é tipo o projeto guri assim, Que massa. E a partir dessas suas experiências iniciais, é quais oportunidades você teve na música? Assim que você considera as maiores da sua carreira?

Nossa, olha, eu acho que, sem dúvida, oportunidade maior assim foi. Eu poder fazer uma direção musical em alguns grandes projetos assim, de teatro, um teatro musical, sabe? É mesmo que é uma coisa que eu não exerço. Agora. Isso me deu 11 norte, muito bacana, assim, de de conseguir enxergar a música para além da da performance do do instrumento, sabe? Assim como uma questão grandiosa artística, como bailarina e tal. E eu dava aula numa escola. É uma escola de dança, dança e teatro. Aham. E aí eu dava aula de coral para criança, adolescente, jovem, adulto. E aí a gente montou algumas Apresentações assim, bem grandes que a gente fez no Pedro. Segundo municipal, teatro Santa Rosa, e aí eu fazia a direção assim, né? De tipo de trilha sonora, tocava, tocava ao vivo, para eles cantarem é ensaiava. E isso foi um grande. Um grande divisor assim porque eu sempre fui muito tímida, né? Tipo muito recatada, de atrás dos instrumentos, e aí eu tinha que botar a cara no sol pra poder conduzir. Tem essa quantidade absurda de gente e poder me começar a entender como que era essa minha expressão, encontra artista. Sim, eu acho que esse foi grande assim uma grande momento, sim. Real, e acho que é uma coisa que te força também. AA se desenvolver, né? Tipo, ouça, faz ou você faz assim, sim, é. Com certeza foi tipo ou, ou é agora ou não. Inclusive, é numa dessas Apresentações. Foi a primeira vez, assim que eu contei para muitas pessoas, aham, foi no. No teatro Pedro segundo, porque uma moça ia cantar uma aluna minha e a cantar uma música da Alcione e ela não conseguia cantar assim. Ela ficou muito travada, muito assim a pré tipo prestes

a chegar a apresentação com estávamos poucos dias, aham, e aí, tipo? Eu tive que encarar, né? Nossa, eu te vi cantar no lugar dela e aí foi assim, nossa velho. Foi doido, né? Hoje pensar que eu fiz aquilo EE. Com a cabeça de de muito mais nova, né? Porque eu dava aula, mas era nova, né? Eu tive teve 16 anos. Nossa também, não é? É tipo, cara, foi, foi surreal, assim, aí depois daquilo eu fiquei anos sem cantar porque eu fiquei com trauma, foi massa, mas eu fiquei com trauma de me expor assim, cantando. E aí eu sempre queria aprender mais instrumentos para só ficar tipo no instrumento e não, não tem que passar por. Na época eu achava que era tipo humilhação cantar, né? Nossa.

É uma exposição muito grande, não é? Ainda mais você ter que encarar uma marrom. Caramba,

Uma luta, e é dentro de tudo isso que você já viveu é e ainda vive, né? Ainda pratica aí dentro da música você acha que o fato de você ser mulher já dificultou ou dificulta o seu espaço de divulgação no mercado musical? Seu espaço de atuação já aconteceu alguma coisa com você por você ser mulher? Já já aconteceu mais uma vez é inclusive, assim, essa questão de ser mulher sempre foi uma questão que mexeu antes da música, uma questão até de de identidade, de gênero, né? Por muito tempo, né? Eu questionei isso, será que realmente eu sou mulher? Gênero neutro? Eu acho que eu acabo me enquadrando até mais nisso. E aí eu fazia essa leitura. É assim, do tipo o cara tá? Mulher ou seja lá o que eu for, as pessoas vão me ver como mulher, né? E aí, eu. Quando eu comecei a cantar em bar, já pulando, aí um hiato de. Quando eu comecei tocar com 12 anos e eu ter começado a tocar em bar e eventos sozinha em 2018, então relativamente recente, sim, é eu com cabelinho curto, né? Que que ele clichê? As pessoas olhavam para mim, fazia tipo, comparativos, ai você vai tocar sua Maria Gadú e Cássia Eller. Eu ouvi isso em alguns bares e embora eu admiro muito essas artistas, e sim às vezes toca algumas músicas delas. Eu acho incrível, né, um só que eu acho que é uma coisa assim que eu. Que eu saquei que rolou muito, ainda rola é. Esse seria ótimo, tipo, é mulher ou é sapatão? As 2 coisas. Vai cantar só um estilo vai, vai sempre fazer só aquilo. Isso foi uma coisa que eu percebi muito aí

de uma forma muito direta, eu. Antes da pandemia, toquei num bar. Aliás, eu ia tocar num bar, um que o contratante não falou isso diretamente para mim, mas falou para a pessoa que eu tocava junto. Que ele não queria que só eu cantasse, que tinha que ser legal, ter uma voz de um homem porque sua voz de mulher era enjoativo e ele nem conhecia o meu trabalho. É, então assim. Eu acho que isso foi uma das coisas mais horríveis, assim que eu que eu já presenciei e acabei cantando, cantei. Eu soube disso depois, né, que eu tinha feito. E aí a pessoa queria que eu cantasse mais eles lá. Você surreal, não é surreal? Então rola, tipo, já rolou isso e. 11, assim, traumatizante quando eu era mais nova. Eu cresci muito rápido, né? Tipo meu corpo se desenvolveu o meu corpo de tipo ter seios foi, foi processo rápido e aí eu

acompanhava, né? Como eu disse o meu pai nos eventos e aí teve um evento em particular, assim que era uma festa, numa chácara, aí tinha uns caras muito bêbada. E nessa hora eu não sei, eu estava tipo, sozinho, assim eu não, não lembro ao certo e eles chegaram assim pra pra minha bordado, tipo querendo me elogiar a gente, só que com aquele jeito aham tipo, você toca bem, mas você é muito mais bonita do que toca, sabe umas coisas assim? Eu era pré-adolescente, eu lembro muito vagamente, diz o porquê das palavras deles, porque eu lembro que me incomodou muito, eu falei um Monte de ***** para eles, E eu lembro de eu voltar pra casa chorando assim, de de nervosa, de tipo. Mesmo que sem tanta consciência, mas já entender que que eu era muito errado

e eu fiquei com vergonha de contar isso pro meu pai. Não, eu lembro disso, né? E ele sempre foi uma pessoa que me compreendeu muito bem, mas eu lembro de eu chegar e contar isso para minha mãe. Porque eu não tinha coragem de falar que. Que que tinha acontecido. Então, nossa, foram muitas histórias assim, sabe? De de pequenos abusos, preconceitos. É, já senti que que há uma diferença, ainda que que esteja diminuindo muito. É tipo, tá, tá. Tá cada vez assim a gente sempre buscando tocar nos mesmos espaços que os homens tocam, mas assim há uma diferença. Aham de recepção, né? Do contratante dos lugares. Quando você fala, eu, eu sou a cantora, eu estou me vendendo do que é um cara se vendendo, sabe? Aham, a forma de recepção é outra, é muitos lugares, não, mas outros muitos ainda. Então eu percebo sim, Marina, infelizmente. E você, você sente assim é, eu sei que você atualmente é EE. Outras vezes você já tocou, faz do plano com homens, né? Se você sente que existe uma diferença, quando você está tocando com um homem, quando você está sozinha. Então esse tratamento tem é, é, eu eu assim, eu tenho a sorte de buscar tocar com com, com homens que eu sinto 11 afinidade, né? E aí eu vejo aqui tipo a como, às vezes o convite acaba partindo de mim. Eu que acabo vendendo o rolê e tal, e eu falo, eu vou levar, por exemplo, um baterista, onde está a isso? Eu percebo, dependendo do lugar, vamos dizer assim, né? Ribeirão tem muito lugar que a galera cabeça muito mais fechada, então se eu levo um baterista, um cara assim, às vezes eles vão ser mais simpáticos com cara e vão me tratar com um certo receio.

Já senti isso, aham, mas nunca foi algo tão explícito, sabe? Sempre meio velado, né? Meio velado é. EE por conta dessas situações que você já passou, né? Esses pequenos abusos? É

esse? Esse tratamento? Infelizmente, que nós, mulheres recebemos no mercado musical em Ribeirão. Você já pensou em desistir alguma vez ou se usou isso como uma força? Assim como é que foi? Cara, por conta disso, não pensei em desistir por conta de outras questões, sim, mas isso sempre me deu uma força. É, eu acho que. Assim. Foram e são, né? Muitos abusos que a gente sofre diariamente, não só na música, mas eu penso muito na arte como uma libertação. Não é mais uma expressão assim, muito mais profunda do que qualquer tipo de. De preconceito, misoginia que venha e atravesse, sabe? Sim. Então eu eu tento usar muito essa força da música, da arte, para eu poder me blindar disso. Então? Por exemplo, agora que eu tenho, é tocado com bem mais regularidade. Voltei a tocar com mais regularidade. É. Eu percebo, por exemplo, que às vezes uma pessoa quer me abordar para. Para poder fazer, tipo, algum tipo de elogio, não sei o quê. E assim é. Os caras tem um receio, é sim, é tipo, 90% das vezes são mulheres. Que, tipo, nossa, que massa eu trabalho, não sei o quê, até tipo, muitas vezes Marcação de Instagram foi uma coisa assim que a gente precisa fazer falar pra pessoa e marcar, aí a pessoa tá filmando, eu raramente falo tipo, quando eu percebo que é um cara filmando, eu fico ainda com receio de falar assim é ponto meu, @aham, né? Aí elas e tipo foram

poucos que pediram meu @sabe? Geralmente a mulher que pede. E eu comecei até levar uma placa de quer, e por isso que a galera pra ficar mais livre, sim, e aconteceu isso é um negócio engraçado. Semanas atrás aí que foi a primeira vez que aconteceu isso. Um cara chegou para me filmar e ele pediu permissão e as pessoas nunca pedem permissão, até fiquei tipo. Bem, nossa eu fosse, eu posso te filmar e pode montade. Por favor, né? Então assim é voltando. A tua pergunta é sobre. É pensar em desistir por conta disso, não. Assim eu. Eu sei que os desafios são muito grandes. Em números assim, números é. Já soube até, tipo, essa questão de desigualdade salarial, de cachê. Na música. Existe é, né também? Apesar de rei, um rolê meio tabelado em alguns bares, mas eu sei, tá ligado que existe até, principalmente pelo estio, né? Tipo assim, tem gente que toca mais sertanejo pra ganhar mais e tal, mas essas coisas assim, eu eu tento encarar assim tudo para me dar uma força, sabe, porque o meu trabalho é a música, não é nem. É cara, é, é por isso simplesmente pela música, para levar Alegria para as pessoas. Então eu tenho é tipo esse respeito muito grande pela pela entidade da música, sabe? Aham. Se o cara quer falar alguma coisa e tal, ele vai vai ouvir com educação, mas ele vai ouvir exatamente. É, e o legal é que desde muito nova você enfrenta essa situação, não é literalmente, assim como você contou Na Na festa que você tocou e os caras chegaram em você, você, por mais que você ainda tenha ficado

confusa, você enfrentou, né? Eles assim, então. Né? Isso é muito interessante também, porque em muitos casos

a gente não não consegue ter reação, não é? Sim, sim. É, mas é. É uma coisa que a gente nem deveria, né? Tipo é entrar com uma nova. É muito. É muito pesado para uma cabeça. Eu, né? Sempre fui. É tipo, quando eu tinha essa idade, eu não sei, você não é, mas muita gente, quando a gente é uma nova, a gente quer, se quer ficar adulta logo, né? Aham, eu tinha essa pira do tipo, nossa, não vejo a hora de fazer 18. É Independência e cara só, né? Só piora e a gente vai tomando mais é, a gente vai tomando mais consciência desses. Dessas injustiças assim que acontecem e a gente vai se se blindando ficando, né? Mas assim, com com uma carga maior nas costas, né? Porque vai passando por muita coisa, mas também pelo menos me dá mais um pé no chão para lidar com essas coisas. Sim, sim. EE me fala uma coisa, é, quais mulheres te inspiram na música? Quais cantoras, quais? É, enfim, quais nomes te inspiram assim? Nossa, é inúmeras, inúmeras e não tem nem como assim. Aham, é, são muitas, mas assim, tipo Brasileira Claro. E Rita Lee. Assim, pela postura, eu comecei a ouvir ela muito nova, exatamente nessa época aí que eu estava. É 1213 anos, eu comecei a escutar ela por por conta de mutantes que eu ganhei um. Uma fita, uma fitinha e aí tinha mutantes assim, aí depois que eu fui começar o vídeo da obra dela. Aham, postura da forma como ela lhe dá lida, com humor, com deboche, as letras maravilhosas, tudo, Harmonia. Se eu sempre me inspirou. É Nina Simone. Me inspirou

muito quando eu descobri as obras dela, porque era. É a primeira grande referência assim, de mulher, cantora, pianista, sim, compositora assim, tipo. Que eu fiquei viciada é, eu ouvia muito a Nina, é? Ela, tipo enquanto, enquanto o cantor, enquanto performance me inspirou muito, hã, é AM. Sim, a hm, nossa velho, quando ela termina, House é MUN hause. É eu quando ela faleceu. Eu lembro até hoje, sabe? Foi uma coisa muito marcante. Então tem AMA Peach a Peach. Foi. É assim, cresci escutando, sabe alguma parte de todas as trilhas sonoras assim também? Então é tipo, ela é pro lavine? São, ditarão regra aí, né? É ditarão regra, porque. É uma coisa assim que, por exemplo, né? Esse poder de disputar uma mulher cantando falar nossa, que legal, eu quero fazer isso também. Aham, eu lembro do primeiro CD da daí lavine e aí eu queria que eu queria usar aquela blusinha que ela tinha que era tipo de mata assim com as blusas de de guerra, e aí eu comprei uma blusa igual eu preciso e aí

meu cabelo cacheado, eu falei, eu quero e tipo, eu sempre achava, quando eu vi as meninas na escola, né? E o preconceito de para essas patricinhas. Elas querem ficar todas iguais, e aí eu via tipo, ev, Lavínia, eu lá vou ter que fazer chapinha no meu cabelo porque eu quero que quero ter aquela aparência de skatista.

E ficar assim, então é e achava legal que eu estava todas as músicas, é os primeiros álbuns da da Hebe. Eu tirei todos eles no violão, como era mais nossa que legal, sabe? Então, aham essas cantoras, cada uma nos No No seu estilo, no seu grau, me atravessaram de uma forma muito diferente, então são o que eu sempre tenho na cabeça é, viu Pitty, mwi House, Nina e Rita sabe? Aham. I. Ai tem muitos aí também. Alcione cara, quando descobrir Alcione é. Agora é tipo das atuais também tem. Tem muita coisa boa vindo, né? E a Internacional, também na pandemia, eu comecei a escutar muito mais Cyrus e comecei a ler muito entrevista dela. Entender, né? Toda aquela artista por trás da Disney por por Ana Montana e conseguir perceber transição. A gente tem tipo, ela tem 29 anos, escola é 1 ano mais velha do que eu, hã e aí eu fico tipo nossa, velho, ela passou por isso É como que você ia se eu tivesse passado por isso, que ela teve que? Que passar? Sim, e essas cantoras assim são muito influentes, sabe? Eu gosto muito de ver entrevista de de escutar. A história de vida delas. E elas me influenciam muito. Aí é muito legal porque é igual você. Você comentou da da Miley Cyrus, é? É o que a gente está falando. Não é uma mulher que é, passou por. Por tudo que ela passou. EE venceu e foi tão criticada, né? E aí a gente vai buscar entender o que o que aconteceu é. É muito louco, né? Vê toda essa transição dela e entender o que o que tem por trás, né? Com certeza, e para a gente finalizar, me fala uma coisa, se você pudesse viajar no tempo e facilitar o seu caminho na música, qual seria o conselho que você daria para magoo? Tá lá do começo da carreira, começa a cantar. Abra sua

boca, menina, abra essa boca para de se esconder atrás de outras coisas. Sim, acho que é. Seria esse o grande conselho? É, abre essa boca. Eu comecei a ficar, nossa magoo, ta? Muito obrigada por por ter aceito o convite. Foi um papo muito gostoso. Foi eu que agradeço, Marina, obrigada mesmo. E se você quiser ir divulgar o seu trabalho, suas redes é, pode ficar à vontade. Com certeza. Sigam ai no Instagram, @magutta Magutta tem um underline só isso é sempre posso me me agenda tem feito bastante apresentação e logo logo estou passando outras coisas aí de músicas próprias, então fiquem ligados, sigam aí. É isso

aí, arrasou. Obrigada, queridona. Um beijo. Obrigada. Um beijo. Até mais.

Entrevistada: Híbrida já foi Thais Foresto, seu nome verdadeiro, e já foi Floresthá. Em busca de sua identidade, a artista faz experimentações e lançamentos fora do padrão. Faz música eletrônica com poesias e composições autorais e lançou um novo estilo de fazer música.

Entrevista 4 - Mulheres na música

Olá, eu sou a Marina parada do blog madama, e hoje a gente vai conversar com a híbrida, uma musicista maravilhosa daqui de Ribeirão. Seja muito bem-vinda, se apresenta aí pra gente. Olá pessoal, é um prazer estar aqui. É falando com a Marina, uma grande amiga aí que a música me trouxe, né? E vamos falar sobre música, então estamos. É, estou muito feliz de estar aqui. Você convidada para esse trabalho e eu sou a híbrida é, faço um trabalho de música autoral, eletrônica, canção eletrônica, né? Então eu misturo as minhas poesias com os os sons sintéticos e algumas atmosferas e gosto muito de unir a música, as artes visuais, né? As artes cênicas, principalmente. Que é algo que já vem da minha formação também, então eu gosto de fazer esse trabalho lindo aí, várias linguagens. Perfeito. EE britar conta para a gente, é nessa tua caminhada toda até você chegar. É nesse conceito que você tem hoje qual foi o seu primeiro acorde? Como é que você começou na música? Com a música, né? Meio clichê falar, mas obviamente, a música ela está em todo lugar, né? O tempo inteiro. Desde quando a gente é nasce, né? As can ções aí de ninar, de quando criança brincando, né? Eu sempre lembro de eu brincando muito de cantar, né? De fazer de per formar cantando. Então isso foi 111 questão muito forte na minha infância e. Lembro dos meus pais pedirem para eu cantar para eles, então assim, sempre foi algo que. Que eu gostei. Só que assim, profissionalmente mesmo, o que veio primeiro foi o teatro, então me envolvi com o teatro lá na minha adolescência e quis levar essa vida é pra faculdade, né? Profissionalmente nas artes cênicas e aí, nas artes cênicas foi que eu é conheci, né? OA questão da música no teatro, das trilhas sonoras, em como levar nessas canções para dentro dos espetáculos

essas composições. EE foi aí que eu comecei a realmente querer estudar, né? Violão, estudar canto e começar a me profissionalizar também na música pra saber de fato é colocar ela em prol ali dos espetáculos que eu realizava na faculdade e também fora dela depois, né? Então começou ali, né? A sementinha. Incrível e me conta uma coisa, é com toda toda, toda essas experiências que você teve, né? No teatro é com todas essas linguagens e quando você chegou na música, qual, quais você acha que foram as suas maiores oportunidades na música até hoje? Minhas maiores oportunidades é, sei que isso ainda tem uma longa caminhada aí, mas assim que eu olho e falo nossa, isso aqui foi muito grande fazer. Olha, eu estou tendo muitas oportunidades legais agora, né? Eu sei que AA pandemia Ela Foi algo que não dá pra gente dizer ai o que de bom a pandemia trouxe, né? Mas durante a pandemia eu consegui estudar a produção musical, que era algo assim que eu jamais tinha. Vislumbrado na minha vida, né? Eu comecei a fazer é fazer música sozinha no meu quarto, no violão, e jamais imaginaria que depois de uns anos eu conseguiria eu mesmo a gravar e produzir uma música minha. Então acho que uma grande oportunidade tá vindo agora, né? Da conseguir fazer as produções das minhas próprias músicas, deu é ter conseguido, né? Estudar minimamente Claro que ainda tem muito que estudar, mas é de conseguir estar trilhando esse caminho, né? E também está produzindo trilhas sonoras. Para espetáculos é produzindo singles

para outros artistas, né? Que já está começando a acontecer. Então eu acho que essa oportunidade que a produção musical tem me traz e do é. Realmente é um grande assim avanço para a minha carreira fora estiveram também, né? Alguns shows é com artistas que eu considero assim, é referência, né, que estão hoje aí maiores e que. Eu pude, né? Tá junto aí no mesmo lá, enap. Não é que a EMC tá, que você estava tocando juntos e guitarrista maravilhosa. então Lá no sonora São Carlos, né? Sim, festival de compositoras. Que inclusive, né? Esses festivais aí são muito fortalecedores e importantes para a cena, principalmente para nós, mulheres. Que mais é kena? Tocar com a Requena é não com ela, né? Mas assim a fazer a abertura do show para ela é black Pantera também esse ano de 2002, oportunidade de tocar no mesmo festival que eles e eles estão gigantes, né? Tocaram no Rock In Rio, estão tocando em vários festivais muito bacanas, então tem aí uns festivais que que eu toquei que proporcionarão esse encontro e que é bem bacana também. Excelente, e me conta uma coisa é, eu sim, né? Sou uma pesquisadora atuante e posso dizer aqui, né,

que te acompanhe aí em 2018, tocamos juntas e foi maravilhoso assim. E você se vendo assim desde essa época desse início, né? Ainda com banda experimentando e hoje você aí trilhando seus caminhos sozinha, se descobrindo na produção é qual que é, qual que é a sua sensação? Assim é olhando essa trajetória.

Olha, é aqui, a gente é muito, né? Eu acho que a gente é muito criado para querer as coisas com pressa, né? De de falar assim, ai eu quero pra ontem, gente. Mas pensando assim, poxa, 2018, né, que foi quando eu realmente foi Oo primeiro a primeira vez que eu pude apresentar publicamente uma música minha, né, de composição minha para tendo 2 anos de pausa e numa pandemia. Não é que nós artistas, assim que que somos emergentes, não conseguimos crescer para muitos lados, né? Nesse sentido é, eu vejo que é uma trajetória até que muito. Muito legal assim, não é? É eu ter conseguido já apresentar em alguns festivais de música autoral, ter conseguido já participar de alguns shows com esses artistas de já ter feito alguns contatos bacanas e de ter desenvolvido, né? Esse meu lado de da produção musical, então. Se for versão 4 anos e nesses 4 anos, eu. Apesar de muitas vezes, né? A gente olhar e falar, meu Deus do céu, pra onde que eu estou indo? Para onde que eu vou? Não é? Mas eu acho que isso é. É algo que acarreta todo artista, né? Essa ansiedade, por ter algo maior, mas se for pensar esses 4 anos, eu eu consegui assim, trilhar um caminho, que que pra mim está sendo muito positivo e está me levando a descobertas muito importantes para mim, de realmente um autoconhecimento na carreira. Querer saber para onde eu vou, né? Igual você falou foi, é? A gente começou com um formato banda e aí depois depois disso, né? Descobri que de repente a minha música não é nesse formato. Mas pode ser também, não é?

Talvez No No futuro eu misturei mais de tudo, então é caminho. Trilhando essa descoberta, mas Eu Acredito que que eu estou caminhando para realmente tentar entender EE cada vez mais, descobrir qual é a realidade do meu som, que que eu quero fazer? O que eu quero mostrar para as pessoas, né? Acho que é isso. Acho que 4 anos foram produtivos assim, talvez não tanto quanto eu gostaria, aham, mas acredito que que. Que tiveram avanço, sim. Perfeito, e meu também conta uma coisa é as suas músicas, elas têm letras que falam do feminino, né? De uma força feminina e contam histórias e são muito Fortes, muito bonitas e a gente mixando aqui no nosso tema, né? De mulheres musicistas e as dificuldades que nós,

mulheres, passamos na música é o fato de você ser mulher. Ele dificultou. Ou ainda dificulta o seu espaço de divulgação no mercado musical? Como é que também é? É. Como é que o público é de que maneira ele aceita, né? A as tuas letras o tipo da tua música? Como é que essa relação de ser mulher, estar na música? É, mas é, é o que sim, é engraçado, porque nós, mulheres da música, a gente conversa e são. Todos os relatos praticamente parecidos. Não é que essa questão do realmente né? A música é um local ainda muito machista, né? Muito ocupado por homens ainda, né? E? E sim, acontece muito, né? Acontece muito de às vezes você chegar num show e os caras da técnica conversar

com o alguém que está te acompanhando ao invés de perguntar pra você, é de achar, né? Tem muito isso também. Há, eu sei lá, estou fazendo um show e aí os caras acharem que o show é pra mulher, porque é uma mulher que está fazendo, né? E eu, eu, eu friso muito isso, eu quero muito. É buscar essa desconstrução também com o meu trabalho e acredito que. Que é 11. Um caminho a ser seguido na música feita por nós, mulheres, que é o de tirar esse estereótipo, né? Dos caras de tipo, ai, nossa, é uma mulher fazendo show, é uma banda inteiramente feminina, aí não é música pra mulher, é, e aí os caras não aparecem, não consomem, né? Já tem esse estigma e se a gente for olhar é os caras, eles fazem músicas só com homens falando de homens para homens e tem muita mulher consumindo, então, tipo, por que que eles não podem? Também consumiu que a gente tem para falar, né? Afinal, nós somos, nós somos seres humanos, falamos de dores que todas todos sentimos, né? Obviamente, na ótica feminina, porque sou mulher, né? Sinto de uma outra forma, assim como uma pessoa de. Não é de um outro gênero, eu penso de outra forma, uma pessoa com alguma de alguma outra minoria não LGBT, que ia mais uma pessoa com deficiência, uma pessoa negra, cada um vai sentir o mundo de uma forma e vai falar da sua realidade, né? Então é existe muito esse esse estigma de que quando a mulher fazendo música à não é um evento para mulheres, eu não vou e aí os caras acabam não dando a oportunidade de conhecer o nosso trabalho. E isso acontece muito ainda, infelizmente. Mas a gente tem visto

algumas cenas que estão começando a dar abertura para isso, né? Estão começando a pensar num lineup com curadoras mulheres, né? É pessoas, não binárias, LGBT QA mais, porque é importante que a gente ocupe esses espaços, né? Que a gente encontre um lugar igualitário aí, então tem muito festival que já está. Prezando por um lineup misto, é verdadeiro, não é?

Não há, vou colocar essa mina aqui só para falar que tem uma mulher. Então a gente está vendo caminhando. Assim ainda há passos. Vamos dizer assim, devagar, não é por. Pelo ano em que estamos pelo por onde já deveríamos estar. Mas eu vejo que esse movimento está acontecendo, sim, principalmente na cena alternativa. Né? É, quer dizer, a cena Sertaneja também teve esse Bum aí, né? Da das mulheres, das duplas da né, trazido também pela Marília Mendonça, que ainda era muito tímido, né? Existem mulheres sertanejas é mais que fazem isso há mais tempo, mas ainda era 11. Número muito tímido, né? E agora a gente vê que a abertura está maior. Então, sim, tenho esperanças de que nós, os nossos caminhos, estão se abrindo aí. Espero que não parem, não é porque AE me fala uma coisa, é dentro de tudo isso que você já passou, né? Por conta de ser uma mulher, enfim, todo esse espaço machista, você em alguma vez já pensou em desistir ou isso, ou isso te deu mais força? Nossa, eu penso, acho que todo dia. Todo dia, síndrome do da impostora que existe em mim. Fala pra minha filha, fiquei, você

faz isso sabe o quê? Mas é realmente isso, não é? É como não é um lugar, é um lugar que a gente precisa lutar para estar. Não é um lugar em que as portas estão sempre abertas para a gente. A gente tende realmente a se questionar o tempo inteiro, né? Nossa, mas será que isso é pra mim? Será que eu mereço isso? Será que o meu trabalho está no nível de chegar nesse lugar? Então a gente sempre se questiona e sempre pensa mesmo, né? E desistir, principalmente pra gente que é artista independente e faz. Você mesmo faz a sua produção, você componha sua música, você produz você. Não se vende, você cuida das suas redes sociais, né? É muito coisa para um artista só fazer, então.

Sei lá, é a todo momento. Na verdade, todo momento é essas questões, né? Também da machista, né? Que se você se coloca em xeque mesmo, tipo, nossa gente, será que? Será que eu estou fazendo certo? Ai, meu Deus do céu, é uma. É um questionamento sem fim, sim. Mas estamos aqui, firmes e Fortes, não é? Ao mesmo tempo que que existe sim, não é essa esse auto boicote? Que também é inerente ao ser humano, né? Mas eu, eu tenho a crer que é mais pesado para nós mulheres. É também vem, né? Uma força que a gente encontra de repente nesses festivais de compositoras, nesses espaços em que a gente pode encontrar e ver outras mulheres como referência, né? Outros artistas aí é. Que não são, né? Da do, do padrão encontrado ocupando seus lugares, a gente também se fortalece e fala, não vamos,

vamos, vamos. E é isso mesmo, não vai ser fácil, mas estamos aqui fazendo o que nos move, não é porque. Não adianta para quem é artista, é isso. Você sofre. Você se pergunta, por que que eu estou fazendo isso? Mas no final das contas, você não sabe fazer outra coisa, então é o que te alimenta, é o que te motiva. Por mais que você não viva, né? 100% disso na maioria das dos casos. É algo, é só forma de expressão no mundo, então também não tem como fugir muito disso, não é? É. Não sei. Aí a gente só vai só vai. E para a gente finalizar, eu queria te perguntar, se você pudesse voltar no tempo? EE lá na híbrida, que estava sonhando em viver de arte, em viver de música. Estava ali conhecendo

esse mundo. Estava começando nos primeiros passos. Se você pudesse voltar lá naquela híbrida e dá um conselho Pra Ela, com a experiência que você tem hoje, o que que você diria?

Olha, com a experiência que eu tenho hoje, eu diria para ela acreditar logo nas composições dela. Porque? Eu comecei assim, né? Quando eu comecei a estudar violão e canto, eu já comecei a fazer as minhas composições, né? I. Se eu tivesse é, eu tinha, sei lá, minha primeira composição, eu tinha 19 anos e eu fui ter coragem de apresentar com 28. Então assim são 9, né? Quase 10 anos aí, de um período de a não eu faço só pra mim, não imagina, isso não vai chegar a lugar nenhum. Então o meu maior conselho. Para meu eu do passado era, acredita, acredita. Não fica esperando alguém te descobrir. Isso é muito importante porque a gente fica, não vai que alguém me vê e aí eu, bombo EE. Não existe isso, não existe essa magia, você tem que trabalhar duro e ninguém vai te descobrir, você vai ter que fazer por você mesma. Então comece agora, não tenha medo. Que é isso que eu falaria perfeito, livro da muito obrigada por esse papo foi muito gostoso, muito bom te ver. E aí eu te agradeço uma, muito feliz aí com esse. Com essa nova empreitada sua, quero ver mais disso, por favor, e muito bom estar com você. E obrigada pela oportunidade em falar aqui um pouco do meu trabalho. E é isso, estamos juntas, continuaremos muito ainda

essa discussão pelo. Pelos nossos caminhos, com certeza. E ó, se você quiser divulgar as suas redes, você tiver aí com shows marcados, se quiser. Falar aí. Tá, ó as minhas redes é

@híbrida sonora, tanto no face, na página do face, toque Instagram. É, e tem algumas músicas lançadas no que eu lancei no ano passado, mas as músicas nas plataformas ainda estão como florestar com Th. No final, que era o meu nome artístico até o ano passado, e aí esse ano resolvi dar uma repaginada e trocar. Então, vocês também me encontram por florestar em alguns locais. E pretendo no ano que vem. Lançar o meu novo show que eu estreei agora em outubro, que se chama caravana dos fracassos estamos aí, né? Estreei ele aqui em Ribeirão Preto em outubro, fiz Franca esses dias atrás. E por e por enquanto, estou um pouco pausada que estou com baby. Estou esperando um baby aqui na minha pancinha. Então, ainda não sei muito os rumos dos próximos shows, mas pretendo realizar sim, antes do bebê nascer. Não é pra não perder o ritmo, né? Que tá? Então acompanhem as redes que vocês vão ficar sabendo quando vai ter novos shows. Com certeza. Muito obrigada, viu? Obrigada. Um beijo pra você e sucesso no projeto.